



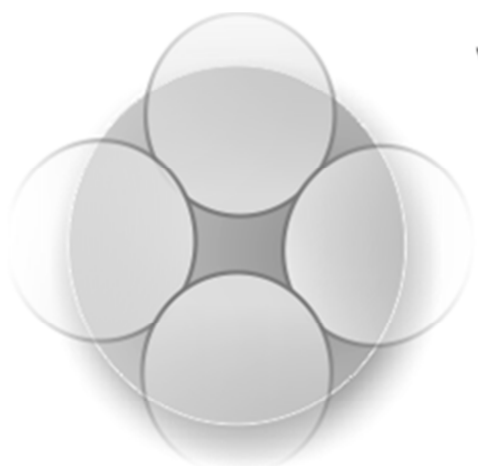
VI JORNADA CIENTÍFICA DO GHC

ANAIS

26, 27 e 28 de abril de 2017

TEMA 2017

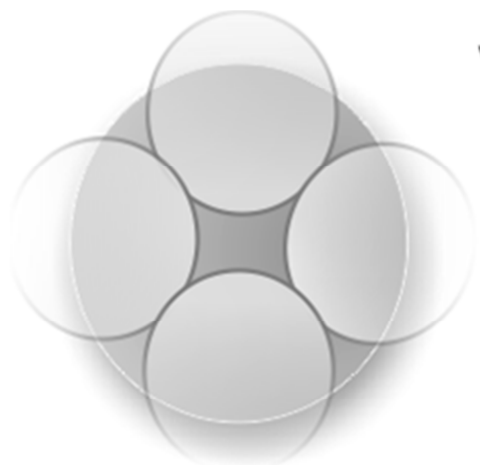
***PESQUISA NO GHC:
CONHECIMENTO APLICADO
NA GESTÃO À SAÚDE***



**VIJORNADA
CIENTÍFICA
DO GHC**

ANAIS

Grupo Hospitalar Conceição
Gerência de Ensino e Pesquisa



VI JORNADA
CIENTÍFICA
DO GHC

ANAIS

Hospital Nossa Senhora da Conceição
Porto Alegre

2017

PRESIDENTE

Michel Temer

MINISTRO DA SAÚDE

Ricardo Barros

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Alberto Beltrame

Cleusa Rodrigues da Silveira Bernardo

Adriana Denise Acker

Paulo Roberto Vanderlei Rebello Filho

Elvira Mariane Schulz

Rudiarmim Stranbuski Caldeira

CONSELHO FISCAL

Arionaldo Bomfim Rosendo

Antônio Carlos Figueiredo Nardi

Maurício Cardoso Oliva

DIRETORIA DO GHC

Adriana Denise Acker - Diretora-Superintendente

José Ricardo Agliardi Silveira - Diretor Administrativo e Financeiro

Mauro Fett Sparta de Souza - Diretor Técnico

GERÊNCIA DE ENSINO E PESQUISA

Geraldo Pereira Jotz – Gerente de Ensino e Pesquisa

Abraão Assein Arús Neto – Coordenador

Sati Jaber Mahmud - Coordenador de Projetos Estratégicos e Extensão

Sérgio Antônio Sirena – Coordenador de Pesquisa

VI JORNADA CIENTÍFICA DO GHC – ANAIS 2017

É uma publicação do Grupo Hospitalar Conceição.

Direitos desta edição reservados ao GHC – Av. Francisco Trein, 596, Cristo Redentor, Porto Alegre-RS, CEP 91350-200 – Brasil

Tel/Fax: (51) 3357-2407 – e-mail: escolaghc@ghc.com.br

Site: escola.ghc.com.br

Edição/Normalização: Abrahão Assein Arús Neto e Rogério Farias Bitencourt

Projeto Gráfico: Abrahão Assein Arús Neto

Periodicidade: anual

Somente foram publicados, os trabalhos efetivamente apresentados na VI Jornada Científica do GHC - 2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J82a Jornada Científica do GHC. Pesquisa no GHC:
conhecimento aplicado na gestão à saúde (6. : 2017 : Porto
Alegre)

Anais.../6ª Jornada Científica do GHC. Pesquisa no GHC:
conhecimento aplicado na gestão à saúde, 26-28 de abril 2017,
Porto Alegre: Hospital Nossa Senhora da Conceição, 2017.

59 p.

ISBN 978-85-61979-38-6

1. Saúde Pública. 2. Sistema Único de Saúde. I. Título.

CDU 614(816.5)

Catalogação elaborada por Luciane Berto Benedetti CRB10/1458

COMISSÃO ORGANIZADORA

Abrahão Assein Arús Neto

Ananyr Porto Fajardo

Claudete Bittencourt

Denise Helena Barbosa Tolentino

Maria Augusta Rodrigues de Oliveira

Rogério Farias Bitencourt

Sérgio Antônio Sirena (Coord.)

APRESENTAÇÃO

A Jornada Científica do Grupo Hospitalar Conceição, na sexta edição, reitera seu objetivo de dar destaque a produção científica e através disso fomentar o ambiente científico em nossa instituição. Nesta edição escolhemos o tema: ***“Pesquisa no GHC: Conhecimento aplicado na gestão à saúde”***, com a apresentação de 46 trabalhos oriundos das mais diversas áreas da Instituição.

PROGRAMAÇÃO DA VI JORNADA CIENTIFICA DO GHC

Dia 26 de abril de 2017 (quarta-feira)		
Local: AUDITÓRIO – Dr. Jahyr Boeira de Almeida (Prédio administrativo – térreo)		
Horário	Atividade	
13:30h às 14h	CRENCIAMENTO	
Horário	Atividade	Participantes
14h às 14:30h	ABERTURA	Diretoria do GHC
Horário	Atividade	Painelistas
14:30h às 16h	DEBATE Tema: <i>Conhecimento aplicado à saúde</i>	PALESTRANTES: Prof. Dr. Marcelo Rodrigues Gonçalves Prof. Adjunto da Faculdade de Medicina da UFRGS Chefe do Setor de APS do HCPA Coordenador do Telessaúde RS-UFRGS Prof. Dr. Airtton Tetelbom Stein Prof. de Saúde Coletiva da UFCSPA Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação da UFCSPA MODERADOR: Prof. Dr. Geraldo Pereira Jotz Prof. Titular do Departamento de Ciências Morfológicas da UFRGS Gerente de Ensino e Pesquisa do GHC
Dia 27 de abril de 2017 (quinta-feira)		
Local: GEP (Bloco H, 3º Andar) Sala 1 – Horário: 08:30h às 10h		
MESA nº 1 – OBSTETRÍCIA		
Apresentador(a)	Título do trabalho	COORDENAÇÃO: SUZANA ROLIM TAMBARÁ Pedagoga e Técnica em Educação da GEP-HNSC DEBATEDOR: SERGIO ANTONIO SIRENA Médico de Família e Comunidade do SSC-HNSC. Coordenador de Pesquisa da GEP-HNSC. Doutor em Medicina – área de concentração Geriatria
Sonia Silvestrin	<i>O parto cesário nas capitais brasileiras: análise segundo a região de residência da mãe e a escolaridade materna.</i>	
Bruna Gomes da Silva	<i>A experiência do acompanhante: percepções acerca do trabalho de parto, parto e pós-parto imediato.</i>	
Rafaela Quintana Domingues	<i>O que diz a literatura sobre contato pele a pele mãe recém-nascido durante a cesariana: em busca de argumentos para as boas práticas na atenção ao parto.</i>	
Dia 27 de abril de 2017 (quinta-feira)		
Local: GEP (Bloco H, 3º Andar) Sala 2/3 – Horário: 08:30h às 10h		
MESA nº 2 – PROCESSOS EDUCACIONAIS		
Apresentador(a)	Título do trabalho	COORDENAÇÃO: RODRIGO DE OLIVEIRA AZEVEDO Técnico de Educação da Escola GHC, Coordenador de Ensino e Preceptor da Residência Multiprofissional em Saúde. Mestre em Educação pela ULBRA DEBATEDORA: MARGARITA LUZ MARINA SILVA DIERCKS Médica de Família e Comunidade do SSC – HNSC, Doutora em Educação pela UFRGS
Géssica de Oliveira Rodrigues	<i>Técnica de enfermagem: agente multiplicador de saberes na reeducação alimentar.</i>	
Mariana Sophie Lopes Figueiro Pires	<i>Oficina de conhecimento do corpo e sexualidade na adolescência: um relato de experiência.</i>	
João Samuel Renck	<i>Reflexões sobre as abordagem pedagógicas adotadas no treinamento de novos funcionários.</i>	
Letícia da Silva Ruiz	<i>Percepção de enfermeiros das equipes da estratégia de saúde da família sobre segurança do paciente.</i>	

Dia 27 de abril de 2017 (quinta-feira)		
Local: GEP (Bloco H, 3º Andar) Sala 1 – Horário: 10:30h às 12h		
MESA nº 3 – ALEITAMENTO MATERNO		
Apresentador(a)_	Título do trabalho	
Dinara Dornfeld	<i>Translactação: percepção das puérperas internadas em alojamento conjunto.</i>	COORDENAÇÃO: SILVANI BOTLENDER SEVERO Psicóloga, Assistente de coordenação de ensino da GEP-HNSC, Mestre em Psicologia pela PUC-RS DEBATEDOR: DANIEL DEMÉTRIO FAUSTINO DA SILVA Odontólogo no SSC-HNSC, Doutor em Saúde Bucal Coletiva pela UFRGS
Dinara Dornfeld	<i>Promovendo o aleitamento materno: identificação e manejo clínico das dificuldades iniciais para a técnica de amamentação.</i>	
Mariana Sophie Lopes Figueiro Pires	<i>Percepções da puérpera com relação a qualidade da assistência prestada ao pré-natal de baixo risco.</i>	
Dinara Dornfeld	<i>O incentivo da rede social da nutriz na prática do aleitamento materno.</i>	
Dia 27 de abril de 2017 (quinta-feira)		
Local: GEP (Bloco H, 3º Andar) Sala 2/3 – Horário: 10:30h às 12h		
MESA nº 4 – GESTÃO		
Apresentador(a)_	Título do trabalho	
Fernando Anschau	<i>Avaliação do impacto da gestão clínica na qualificação do cuidado e na garantia de acesso hospitalar.</i>	COORDENAÇÃO: DANIEL KLUG Técnico em Educação da GEP-HNSC, Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela PUC-RS. DEBATEDORA: ALEXANDRA JOCHIMS KRUEL Administradora Hospitalar, Mestre e Doutora em Administração pela UFRGS
Jéssica Pereira Souza	<i>O acesso através do olhar dos profissionais e usuários da atenção primária à saúde.</i>	
Eliana Ferreira Bender	<i>Ambiência como ferramenta de humanização.</i>	
Gláucia Fragoso Hohenberger	<i>Auriculoterapia para profissionais de saúde: percursos possíveis da aprendizagem à implantação na unidade de saúde.</i>	
Dia 27 de abril de 2017 (quinta-feira)		
Local: GEP (Bloco H, 3º Andar) Sala 2/3 – Horário: 14h às 15:30h		
MESA nº 5 – OBSTETRÍCIA		
Apresentador(a)_	Título do trabalho	
Sonia Silvestrin	<i>Idade materna e os nascimentos no Brasil: análise temporal.</i>	COORDENAÇÃO: LÉLIO SANTOS DA SILVA Tecnico Administrativo da GEP-HNSC. DEBATEDORA: YANET CHONG JUÁREZ ALLES Médica Pediatra, Neonatologista do HCC. Mestre em Saúde da Criança pela PUC-RS
Camila Bonalume Dall’Aqua	<i>Nosso bebê tem sífilis congênita, e agora?</i>	
Sabrina Chapuis de Andrade	<i>Percepções de mulheres sobre a hipertensão gestacional.</i>	
Sabrina Chapuis de Andrade	<i>Trabalhando com mulheres no período gestacional</i>	

Dia 27 de abril de 2017 (quinta-feira)		
Local: Auditório Dr. Jayr Boeira de Almeida – Horário: 14h às 17h		
MESA Nº 6 – Painel de produção tecno-científica do Mestrado Profissional do GHC		
Apresentador(a)_	Título do trabalho	
Eduardo Viegas da Silva	Desigualdades sociais na utilização de medicamentos especializados para tratamento de esquizofrenia.	COORDENAÇÃO: JULIO BALDISSEROTTO Odontólogo do SSC-HNSC, Coordenador do Mestrado Profissional do GHC. Doutor em Gerontologia Biomédica pela PUC-RS. DEBATEDORAS: EVELISE RIGONI DE FARIA Psicóloga do SSC-HNSC, Docente do Mestrado Profissional do GHC, Mestre e Doutora em Psicologia pela UFRGS ANANYR PORTO FAJARDO Odontóloga, Doutora em Educação pela UFRGS, Coordenadora adjunta do Mestrado Profissional do GHC LUCIANE KOPITKE Farmacêutica do SSC-HNSC, Docente do Mestrado Profissional do GHC, Mestre e Doutora pela UFCSPA.
Ana Paula Rigo	Adesão ao protocolo clínico e diretriz terapêutica do Ministério da Saúde para doença de Parkinson.	
Renata Palmerim Schorn	Projeto terapêutico singular e processo de trabalho de equipes em centros de atenção psicossocial.	
Regina Sumiko Watanabe Di Gesu	Efetividade dos testes cutâneos alérgicos na Alergia às Proteínas do Leite de Vaca - Resultados preliminares.	
Daiane Bertuzzi	Presença de neuropatia diabética e fatores associados em pacientes com diabetes em acompanhamento ambulatorial.	
Marcos Krahe Edelweiss	Uso de plantas medicinais em hipertensão – quais as evidências	
Dia 27 de abril de 2017 (quinta-feira)		
Local: Local: GEP (Bloco H, 3º Andar) Sala 1 – Horário: 16h às 17:30h		
MESA Nº 7 – Grupos		
Apresentador(a)_	Título do trabalho	
Paola Seffrin Baratto	Vigilância nutricional de crianças menores de um ano: projeto Nutribebê. Experiência de uma unidade de saúde de Porto Alegre/RS.	COORDENAÇÃO: ALINE ZELLER BRANCHI Técnica em Educação da GEP-HNSC. Especialista em Informação Científica e Tecnológica em Saúde pela FIOCRUZ. DEBATEDORA: TIANA BRUM DE JESUS Assistente Social do PAD-HNSC. Mestre em Serviço Social pela PUC-RS
Deize Cassiana Seifert	Relato de experiência: Grupo de deficientes visuais.	
Évelin Freitas da Fontoura	Grupo de adolescentes: um relato de experiência na unidade de saúde Jardim Leopoldina.	
Giselda Faes Kichler	Narrando sentidos: humanização no atendimento a doenças crônicas	
Dia 27 de abril de 2017 (quinta-feira)		
Local: Local: GEP (Bloco H, 3º Andar) Sala 2/3 – Horário: 16h às 17:30h		
MESA Nº 8 – Saúde Mental – CAPS AD		
Apresentador(a)_	Título do trabalho	
Francielle Martins Lampert	Do imaginário ao real: (des)(re)construindo o perfil dos usuários e seus planos terapêuticos pela ótica dos próprios usuários e funcionários vinculados ao CAPS AD III – GHC.	COORDENAÇÃO: MAXIMILIANO SILVA STORCH Enfermeiro, Docente da Escola GHC. Responsável Técnico, Coordenador do Curso Técnico em Enfermagem da Escola GHC, Especialista em Saúde Pública DEBATEDOR: ELISANDRO RODRIGUES Pedagogo, Técnico em Educação da GEP-HNSC. Mestre em Saúde Coletiva pela UFRGS e Doutorando em Educação pela UNISINOS
Francielle Martins Lampert	Dependência química: internações na rede pública de residente da cidade de Porto Alegre – RS (2012-2014).	
Sandra Helen Bittencourt Meyer	A arte resignificando a história de vida de um morador de rua em atendimento no Consultório na Rua Pintando Saúde do Grupo Hospitalar Conceição.	
Tanisi Rebelo Crestani	Saúde auditiva na atenção básica.	

Dia 28 de abril de 2017 (sexta-feira)		
Local: Local: GEP (Bloco H, 3º Andar) Sala 1 – Horário: 8:30h às 10h		
MESA Nº 9 – Gestão		
Apresentador(a)_	Título do trabalho	
Letícia da Silva Ruiz	<i>Absenteísmo e sintomas osteomusculares em trabalhadores de enfermagem de unidades de internação hospitalar adulta.</i>	COORDENAÇÃO: MARCIA ADRIANA POLL Enfermeira, Assistente de Coordenação em Ensino da GEP-HNSC. Mestre em Enfermagem pela UFRG DEBATEDOR: SILVIA VALIM DE MELO Farmacêutica, Mestre em Ciências da Saúde pela UFCSPA.
Natália Britz de Lima	<i>Aplicação do ciclo PDCA na implantação do protocolo assistencial de manejo na hemorragia subaracnóidea: experiência do Hospital Cristo Redentor.</i>	
Gisele Maria Belloti	<i>Desfecho funcional após hemorragia subaracnóidea: a experiência de um hospital público terciário.</i>	
Giselda Faes Kichler	<i>Elaboração de folheto informativo: qualificação da comunicação e de processos de trabalho em uma unidade de saúde – relato de experiência</i>	
Dia 28 de abril de 2017 (sexta-feira)		
Local: Local: GEP (Bloco H, 3º Andar) Sala 2/3 – Horário: 8:30h às 10h		
MESA Nº 10 – Mesa Plural		
Apresentador(a)_	Título do trabalho	
Marina Ramos Batista	<i>Boas práticas na atenção à cesariana em um hospital público de Porto Alegre.</i>	COORDENAÇÃO: ROGÉRIO FARIAS BITENCOURT Auxiliar Técnico Administrativo do Setor de Pesquisa GEP-HNSC. Secretário do CEP-GHC DEBATEDOR: DÉBORA LUIZA FRANKEN Nutricionista, Mestre e Doutoranda em Saúde Coletiva pela UNISINOS
Gabriela da Silva Teixeira	<i>Características de pacientes adultos com dermatite associada à incontinência: dados preliminares.</i>	
Rafaela Quintana Domingues	<i>O que diz a literatura sobre proteção perineal no parto vaginal: em busca de argumentos para as boas práticas na atenção ao parto.</i>	
Ana Paula Corrêa Meira	<i>Análise do comportamento dos eletrólitos no início da terapia nutricional parenteral.</i>	
Jéssica Emmanouilidis	<i>Adesão ao tratamento antidiabético em idosos portadores de diabetes mellitus tipo II (DM2) e não hipertensos vinculados a uma unidade de atenção primária à saúde em Porto Alegre, RS.</i>	
Dia 28 de abril de 2017 (sexta-feira)		
Local: Local: GEP (Bloco H, 3º Andar) Sala 2/3 – Horário: 10:30h às 12h		
MESA Nº 11 – Relato de Caso		
Apresentador(a)_	Título do trabalho	
Luiza Benetti Fracasso	<i>Relato de caso: Síndrome de Anton na atenção primária</i>	COORDENAÇÃO: MICHELE DA ROSA FERREIRA Enfemeira, docente da Escola GHC. Mestranda do Mestrado Profissional do GHC DEBATEDOR: WALDO LUIS LEITE DIAS DE MATTOS Médico Pneumologista do HNSC, Professor adjunto da UFCSPA. Doutor em Ciências Pneumológicas pela UFRGS
Fernanda Limeira Fanton	<i>Avaliação do paciente de glaucoma: da suspeita à confirmação diagnóstica - resultados preliminares</i>	
Fernanda Limeira Fanton	<i>A importância do teste de sobrecarga hídrica no ambulatório de glaucoma</i>	
Steffanie Ferrari Rodrigues	<i>Relato de caso de xantogranuloma orbitário</i>	

SUMÁRIO

Sumário

1 OBSTETRÍCIA	13
1.1 O parto cesáreo nas capitais brasileiras: análise segundo a região de residência da mãe e a escolaridade materna	13
1.2 A experiência do acompanhante: percepções acerca do trabalho de parto, parto e pós-parto imediato.....	14
1.3 O que diz a literatura sobre proteção perineal no parto vaginal: em busca de argumentos para as boas práticas na atenção ao parto	14
1.4 Idade materna e os nascimentos no Brasil: análise temporal	15
1.5 Nosso bebê tem sífilis congênita, e agora?.....	16
1.6 Percepções de mulheres sobre a hipertensão gestacional.....	17
1.7 Trabalhando com mulheres no período gestacional.....	18
2. PROCESSOS EDUCACIONAIS	19
2.1 Técnica de enfermagem: agente multiplicador de saberes na reeducação alimentar.....	19
2.2 Oficina de conhecimento do corpo e sexualidade na adolescência: um relato de experiência.....	19
2.3 Reflexões sobre as abordagens pedagógicas adotadas no treinamento de novos funcionários.....	20
2.4 Percepção de enfermeiros das equipes da estratégia de saúde da família sobre segurança do paciente	21
3. ALEITAMENTO MATERNO	22
3.1 Translactação: percepção de puérperas internadas em alojamento conjunto.....	22
3.2 Promovendo o aleitamento materno: identificação e manejo clínico das dificuldades iniciais com a técnica da amamentação	23
3.3 Percepções da puérpera com relação a qualidade da assistência prestada no pré-natal de baixo risco	23
3.4 O incentivo da rede social da nutriz na prática do aleitamento materno	24
4. GESTÃO	26
4.1 Avaliação do impacto da gestão da clínica na qualificação do cuidado e na garantia de acesso hospitalar	26
4.2 O acesso através do olhar dos profissionais e usuários da atenção primária à saúde	27

4.3	<i>Ambiência como ferramenta de humanização</i>	27
4.4	<i>Auriculoterapia para profissionais de saúde: percursos possíveis da aprendizagem à implantação na unidade de saúde</i>	29
5.	<i>PAINEL DE PRODUÇÃO TECNO-CIENTÍFICA DO MESTRADO PROFISSIONAL EM AVALIAÇÃO E PRODUÇÃO DE TECNOLOGIAS EM SAÚDE DO GHC</i>	31
5.1	<i>Desigualdades sociais na utilização de medicamentos especializados para tratamento de esquizofrenia</i>	31
5.2	<i>Adesão de médicos ao protocolo clínico e diretriz terapêutica do Ministério da Saúde para doença de Parkinson</i>	31
5.3	<i>Projeto terapêutico singular e processo de trabalho de equipes em centros de atenção psicossocial</i>	32
5.4	<i>Efetividade dos testes cutâneos alérgicos na alergia às proteínas do leite de vaca - resultados preliminares</i>	33
5.5	<i>Presença de neuropatia diabética e fatores associados em pacientes com diabetes em acompanhamento ambulatorial</i>	34
5.6	<i>Uso de plantas medicinais em hipertensão – quais as evidências</i>	35
6	<i>GRUPOS</i>	37
6.1	<i>Vigilância nutricional em crianças menores de um ano: projeto nutribebê. experiência de uma unidade de saúde de Porto Alegre/RS</i>	37
6.2	<i>Relato de experiência: grupo de deficientes visuais</i>	37
6.3	<i>Grupo de adolescentes: um relato de experiência na unidade de saúde Jardim Leopoldina</i>	38
6.4	<i>Narrando sentidos: humanização no atendimento a doenças crônicas</i>	39
7	<i>SAÚDE MENTAL – CAPS AD</i>	41
7.1	<i>Do imaginário ao real: (des) (re) construindo o perfil dos usuários e seus planos terapêuticos pela ótica dos próprios usuários e funcionários vinculados ao CAPS AD III-GHC- Passo a passo na cidade de Porto Alegre</i>	41
7.2	<i>Dependência química: internações na rede pública de residente da cidade de Porto Alegre-RS (2012-2014)</i>	41
7.3.	<i>A arte resignificando a história de vida de um morador de rua em atendimento no consultório na rua pintando saúde do Grupo Hospitalar Conceição</i>	42
7.4.	<i>Saúde auditiva na atenção básica</i>	43
8	<i>GESTÃO</i>	45

<i>8.1 Absenteísmo e sintomas osteomusculares em trabalhadores de enfermagem de unidades de internação hospitalar adulta</i>	<i>45</i>
<i>8.2 Aplicação do ciclo PDCA na implantação do protocolo assistencial de manejo na hemorragia subaracnóidea: experiência do Hospital Cristo Redentor.....</i>	<i>46</i>
<i>8.3 Desfecho funcional após hemorragia subaracnóidea: a experiência de um hospital público terciário.....</i>	<i>47</i>
<i>8.4 Elaboração de folheto informativo: qualificação da comunicação e de processos de trabalho em uma unidade de saúde- relato de experiência.....</i>	<i>47</i>
9 MESA PLURAL	49
<i>9.1 Boas práticas na atenção à cesariana em um hospital público de Porto Alegre</i>	<i>49</i>
<i>9.2 Características de pacientes adultos com dermatite associada à incontinência: dados preliminares.....</i>	<i>50</i>
<i>9.3 O que diz a literatura sobre proteção perineal no parto vaginal: em busca de argumentos para as boas práticas na atenção ao parto.</i>	<i>50</i>
<i>9.4 Análise do comportamento dos eletrólitos no início da terapia nutricional parenteral</i>	<i>51</i>
<i>9.5 Adesão ao tratamento antidiabético em idosos portadores de diabetes mellitus tipo II (DM2) e não hipertensos vinculados a uma unidade de atenção primária à saúde em Porto Alegre, RS.....</i>	<i>52</i>
10. RELATO DE CASO	54
<i>10.1 Relato de caso: síndrome de Anton na atenção primária.....</i>	<i>54</i>
<i>10.2 Avaliação do paciente de glaucoma: da suspeita à confirmação diagnóstica - resultados preliminares.....</i>	<i>55</i>
<i>10.3 A importância do teste de sobrecarga hídrica no ambulatório de glaucoma</i>	<i>55</i>
<i>10.4 Relato de caso de xantogranuloma orbitário</i>	<i>56</i>

RESUMOS DOS TRABALHOS APRESENTADOS NA VI JORNADA CIENTÍFICA DO GHC – ANO 2017

1 OBSTETRÍCIA

1.1 O parto cesáreo nas capitais brasileiras: análise segundo a região de residência da mãe e a escolaridade materna

SILVESTRIN, S.; SILVA, C. H.; GOLDANI, M. Z.

O parto vaginal respeita o processo fisiológico das mulheres e está associado a baixas taxas de morbimortalidade materno- infantil. O parto cesáreo, por sua vez, foi introduzido na prática clínica como um procedimento para salvar vidas tanto da parturiente como do recém-nascido, em situações nas quais se fazia necessário. A OMS, afirma que não existe justificativa técnica para a existência de taxas de cesarianas maiores de 10 a 15%, e que as altas taxas estão relacionadas a desfechos negativos e piores resultados perinatais, além de trazer custos adicionais para o sistema de saúde. Todavia, apesar das inúmeras vantagens do parto vaginal, tem ocorrido um progressivo aumento do número de partos cesáreos no mundo todo a partir da década de 60 e, atualmente, a cesariana é o procedimento cirúrgico mais amplamente realizado entre mulheres. Neste sentido, o estudo objetivou conhecer as taxas de parto cesáreo nas capitais brasileiras no período entre 1996 a 2013, analisando os resultados por região de residência e por escolaridade das mães, utilizando os dados do Sistema de Informação de Nascidos Vivos (SINASC). Os resultados mostraram que o Brasil apresentou taxas muito acima do preconizado pela OMS e, em 2013, a taxa de parto cesáreo foi de 56,3%, sendo que em 1996 era de 42,9%. Em relação às regiões e o número de anos de estudo das mães, verificou-se acréscimo das taxas em todas as regiões, porém com mais intensidade na Região NE, e entre as mães de baixa e alta escolaridade, enquanto nas mães de escolaridade média, as taxas mantiveram-se com variações menores e mais estáveis ao longo do período. Estes resultados indicam que, apesar do Brasil ter avançado na implantação de políticas públicas voltadas para a assistência materno-infantil, persiste a tendência de elevação das taxas de cesarianas que necessitam ser enfrentadas considerando suas repercussões negativas.

1.2 A experiência do acompanhante: percepções acerca do trabalho de parto, parto e pós-parto imediato

SILVA, B. G.; MATTIONI, F.

Independente de costumes e civilizações o homem sempre considerou o nascimento um evento especial. Momento este que necessita de acolhimento, dedicação, humanização e carinho, por isso todos os envolvidos no atendimento devem garantir estes cuidados. Muitos são os potenciais do acompanhante. Desde 2005, ficaram os serviços de saúde do Sistema Único de Saúde, independente se rede própria ou conveniada, obrigados a autorizar a presença de um acompanhante de escolha da gestante durante todo o período de trabalho de parto, parto e pós-parto imediato. Esse estudo tem por objetivo conhecer a percepção sobre a experiência de ser acompanhante de gestantes que pariram no Centro Obstétrico do Hospital Nossa Senhora da Conceição. Trata-se de uma pesquisa do tipo exploratório-descritiva, com abordagem qualitativa. Serão convidados os acompanhantes que estiveram presentes em todo processo de parturição, que será entendido como trabalho de parto, parto e pós-parto imediato. Independente de sua relação com gestante. A coleta de dados ocorrerá através de entrevista semi-estruturada, utilizando gravador eletrônico. Será utilizada a técnica de análise de conteúdo para o tratamento dos dados obtidos nesta pesquisa.

1.3 O que diz a literatura sobre proteção perineal no parto vaginal: em busca de argumentos para as boas práticas na atenção ao parto

HEJAZI, A. M.; GONÇALVES, P. F.; BORBA, C.; COELHO, M, M.; SHUSTER, R.

Buscou-se neste estudo conhecer o que diz a literatura sobre a proteção perineal no parto vaginal, em busca de argumentos para as boas práticas na atenção ao parto. Trata-se de uma revisão integrativa de pesquisa baseada em Cooper (1989). A amostra foi composta por dez artigos científicos pesquisados nas bases de dados BDENF, LILACS e na biblioteca eletrônica SciELO, no período de 2005 a 2015, no idioma português. Este estudo identificou as seguintes técnicas de proteção perineal utilizadas na assistência ao parto vaginal: posição lateral da parturiente no período expulsivo; puxos espontâneos; restrição do uso de episiotomia, de ocitocina e da

posição horizontal; posição vertical como fator de proteção; suporte perineal durante o desprendimento cefálico; proteção/contenção do períneo; lubrificação do períneo; massagem perineal; abaixar o períneo; aproximar a fúrcula durante o coroamento do feto e evitar tracionar o feto durante o desprendimento cefálico. Os resultados encontrados responderam à questão norteadora dessa revisão integrativa. Entretanto, a partir deste estudo foi possível verificar a escassez de publicações científicas acerca das técnicas de proteção perineal, disponíveis em língua portuguesa nas bases de dados pesquisadas. A partir dos achados deste estudo, sugere-se uma proposta de intervenção para os partos assistidos por enfermeiras obstetras no Centro Obstétrico da Linha de Cuidado Mãe-bebê do Hospital Nossa Senhora da Conceição, com o objetivo de conhecer as técnicas de proteção perineal que são utilizadas e sua relação com a realização de episiotomia e/ou ocorrência de laceração perineal espontânea, assim como investigar se a proteção do períneo utilizada no parto vaginal está baseada em evidências científicas.

1.4 Idade materna e os nascimentos no Brasil: análise temporal

SILVESTRIN, S.; SILVA, C. H.; GOLDANI, M. Z.

Muitos estudos têm mostrado que os extremos de idade materna durante a gestação apresentam riscos para resultados adversos ao nascimento. Gestantes que são adolescentes e que tem 35 anos ou mais, tem maior probabilidade de parto prematuro, de nascimento de recém-nascidos com baixo peso e aumentam a chance de mortalidade neonatal. A gestação na adolescência continua sendo uma das principais causas para a mortalidade materna e infantil perpetuando o ciclo de pobreza e doença, uma vez que a baixa idade materna no parto está relacionada a maiores riscos para a mãe e para o recém-nascido como resultado da associação de fatores comportamentais, sociais e biológicos. A idade materna considerada avançada (maior que 35 anos) pode ter impacto nos desfechos relacionados ao nascimento e tem sido associada ao aumento do número de natimortos, de recém-nascidos pré-termo e com restrição do crescimento intrauterino. Com o objetivo de avaliar a distribuição dos nascidos vivos, segundo a idade materna, foi desenvolvido o presente estudo. Foram utilizados os dados informados no Sistema de Informação

de Nascidos Vivos (SINASC), referentes às capitais brasileiras no período de 1996 a 2013. A idade materna foi estratificada em três faixas etárias: 10 a 17 anos, 18 a 34 e acima de 35. Os resultados mostraram que houve uma redução no número de nascimentos entre adolescentes (10 a 17 anos) de 10,1% em 1996 para 7,9% em 2013. Por outro lado, se observou um acréscimo entre mulheres com mais de 35 anos, em 1996 era de 8,0% e em 2013 foi de 14,2%. Os resultados indicam que o país acompanha a tendência mundial de aumento da idade materna no momento do parto e que este se configura um desafio para o acompanhamento em saúde destas mulheres, considerando os riscos da idade avançada nos desfechos da gravidez.

1.5 Nosso bebê tem sífilis congênita, e agora?

DALL' AQUA, C. B.; PEKELMAN, R.

Segundo a OMS, a cada ano, cerca de 300 milhões de pessoas são infectadas por alguma doença sexualmente transmissível, destas, acredita-se que cerca de 12 milhões o são por Sífilis (KAWAGUCHI et al., 2014). A necessidade de realizar este estudo surgiu pelo fato de que a Sífilis, doença que teve sua primeira epidemia relatada no século XV (BRASIL, 2010), ainda persiste nos dias de hoje, em números elevados. Este estudo enfoca o entendimento sobre Sífilis, pelos pais de bebês atendidos em dois hospitais da rede pública do município de Porto Alegre. A abordagem deste estudo será qualitativa, e o tipo de pesquisa, descritivo-exploratório. Questão de pesquisa: O que conhecem sobre Sífilis, os pais dos recém-nascidos com diagnóstico de Sífilis Congênita identificada ao nascer? Objetivo geral: Investigar o que os pais de recém-nascidos com Sífilis Congênita conhecem e entendem sobre essa enfermidade e seu tratamento. Objetivos específicos: Discutir o conhecimento dos pais em relação à Sífilis durante a gestação; Conhecer, através dos relatos das(os) usuárias(os), a abordagem feita nas consultas de pré-natal para orientar os pais em relação às implicações da Sífilis para a família e as complicações para a saúde do feto; Investigar por quais processos educativos os pais com Sífilis passaram durante o pré-natal; Conhecer as dificuldades para a realização do tratamento adequado para Sífilis. A pesquisa será realizada com número mínimo de 10 indivíduos, sendo encerrada a partir da

saturação dos dados. Os dados serão analisados utilizando-se a análise de conteúdo de Bardin. Através desse estudo, espera-se compreender que aspectos podem estar influenciando para o tratamento inadequado destes pais.

1.6 Percepções de mulheres sobre a hipertensão gestacional

ANDRADE, S. C.

Estudos apontam que 10% das gestantes desenvolvem alguma síndrome hipertensiva. Essas mulheres necessitam um cuidado mais individualizado, uma vez que diversas complicações podem ocorrer tanto física quanto mentalmente. O objetivo deste estudo foi identificar quais as percepções das gestantes hipertensas frente a esta condição. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas/PUCRS e os dados foram coletados no Hospital São Lucas/PUCRS. Ao todo foram entrevistadas 97 mulheres, maiores de idade, alfabetizadas, que estavam no terceiro trimestre gestacional (média de 36 semanas de idade gestacional) com diagnóstico de hipertensão. Em relação ao nível educacional, 78% das entrevistadas possuíam ensino fundamental completo, 20% ensino médio completo e 2% ensino superior. Resultados: 82% das mulheres, referiram muito medo quando souberam do diagnóstico da hipertensão na gestação. Relatos como medo de morrer, possibilidade de perder o bebê ou nascer com problemas de saúde foram apresentados pelas gestantes. 5% referiram não entender o que tinham. Quando questionadas se receberam esclarecimentos sobre a doença, 25% disse ter buscado mais informações por conta própria, pois os profissionais que lhe atenderam não teriam explicado claramente o que estava acontecendo. Frente aos dados, identifica-se a importância da sensibilização dos profissionais da saúde para o atendimento às gestantes, principalmente àquelas que possuem algum acometimento à saúde, como é o caso das síndromes hipertensivas. Durante o pré-natal, por exemplo, a equipe de saúde poderia utilizar recursos para instrumentalizar as gestantes com conhecimentos referentes a cuidado em saúde quando há um quadro de síndrome hipertensiva. Oferecer grupos de saúde, por exemplo, poderia ser uma estratégia utilizada pelos profissionais, uma vez que é possibilitada a troca de informações entre as próprias participantes, além de tornar a temática da hipertensão gestacional

algo mais conhecido pelas gestantes, possibilitando, assim, que elas sintam-se menos temerosas e mais confiantes para superar essa condição.

1.7 Trabalhando com mulheres no período gestacional

ANDRADE, S. C.

Objetivo: relatar vivências enquanto trabalhadora em unidade de saúde para mulheres com alto risco gestacional. Metodologia: relato de experiência. Durante minha formação sempre foi acentuado o meu desejo por trabalhar com gestantes. Entendo como uma fase com modificações no corpo e na mente das mulheres. Na atenção básica, onde trabalhei mais de 7 anos, tive a oportunidade de acompanhar consultas de pré-natal. Por conhece-las há bastante tempo e por estar presente no território onde vivem, as consultas acabavam sendo mais um momento em que eu estava com elas e não o único. Quando tive a oportunidade de atuar em outra “trama” da rede do cuidado, em unidade hospitalar, fiquei receosa em relação ao cuidado que seria ofertado. Seria possível, com a correria hospitalar, oferecer cuidado humanizado e integral? Trabalhei com equipes que me mostraram que sim, é possível! Tanto na emergência obstétrica, quanto nas unidades de internação, percebi que o vínculo que se formava entre equipe e gestantes era “estreito” e, apesar das grandes demandas, possibilitava conhece-las além de suas patologias, interagir com elas e entender o contexto de vida que, muitas vezes, não favoreciam o desenvolvimento de uma gestação saudável tanto física quanto psicologicamente. Atualmente, ainda trabalho com mulheres em gestação de alto risco, mas agora como pesquisadora. Hoje, entendo que não é o ambiente que irá ocasionar de uma mulher sentir-se a vontade para falar de seus sentimentos e realidades de vida. Ou seja, não importa se é em um posto de saúde, ou em uma emergência hospitalar, mesmo que em graus diferentes de intensidade, precisamos, enquanto profissionais da saúde, ouvir nossas usuárias, ir além do sintoma físico e patológico. Afinal, muitas vezes, um problema de saúde físico pode estar atrelado a questões psicológicas, podendo ser resolvido ou ao menos amenizado quando oportunizado a externalização daquele sentimento.

2. PROCESSOS EDUCACIONAIS

2.1 Técnica de enfermagem: agente multiplicador de saberes na reeducação alimentar

RODRIGUES, G. O.; OLIVEIRA, M.; CRESTANI, T. R.; MAGNI, J.; SCHEILA ADAMS.

A nutrição tem um papel fundamental na saúde do ser humano. Aliada à atividade física, uma alimentação balanceada é essencial na melhoria da qualidade de vida e redução e controle de várias doenças, inclusive as crônicas: como obesidade grave, diabetes mellitus e hipertensão arterial. O presente trabalho objetivou relatar como se dá e como pode ser a atuação de um técnico de enfermagem como agente multiplicador de saberes nos grupos de reeducação alimentar. Dentre os profissionais das ESF identificou-se um potencial destacado e pouco explorado em atividades interdisciplinares. Dentre as várias atividades do Serviço de Nutrição no NASF (Núcleo de Apoio à Saúde da Família) surge os Grupos como uma alternativa para reduzir a grande demanda de consultas individuais com queixas semelhantes e a oportunidade de reduzir esses altos índices de ganho de peso corporal. Assim foi criado o Grupo de Reeducação Alimentar nas ESF (Equipes de Saúde da Família) assistidas pelo NASF.

2.2 Oficina de conhecimento do corpo e sexualidade na adolescência: um relato de experiência

PIRES, M. S. L. F.; FERNANDES, L. M.; LENHARDT, M.

Introdução: A adolescência é conhecida por um período de significativas mudanças, sejam corporais, mentais, psicológicas ou sociais. Essas mudanças por vezes geram conflitos pessoais e interpessoais devido a construção da identidade do adolescente, de modo que a relação e comunicação pode ficar dificultada nesta fase. Devido ao despreparo e sensação de impotência, alguns pais e familiares acabam por delegar os assuntos relacionados a sexualidade¹. Metodologia: Realização de oficinas de “Sexualidade na adolescência” para alunos do 6º e 7º ano, na faixa etária de 12 a 16 anos, de uma Escola de Ensino Fundamental pertencente a área de abrangência de uma Unidade de Saúde da Família (USF) de Novo Hamburgo, realizadas por uma

enfermeira da Unidade e duas residentes de enfermagem, no período de 2015/2 – 2016/1. As oficinas abordaram assuntos relacionados às mudanças corporais na adolescência, sexualidade, métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis (IST). Resultados e Discussão: Durante as oficinas observou-se que para alguns adolescentes o assunto sexualidade é tratado como tabu, e muitos não recebem orientações em casa. Os alunos das turmas mostraram-se diferentes entre si, sendo alguns mais participativos que outros inicialmente, mas a medida que as oficinas foram acontecendo houve a participação e interação da maior parte deles. Contamos também com o apoio da coordenadora pedagógica da escola no momento das oficinas. Considerações Finais: Dialogar com adolescentes a respeito de mudanças corporais e sexualidade é necessário para que tenhamos jovens e adultos mais conscientes da autopercepção corporal, conhecimento e proteção, conscientizando-o da capacidade de redução de índices de transmissão.

2.3 Reflexões sobre as abordagens pedagógicas adotadas no treinamento de novos funcionários

RENCK, J. S.; GONÇALVES, I.

O treinamento de novos funcionários demanda tempo e empenho das empresas. Ele consome recursos humanos e por vezes engessa a escala de trabalho, principalmente quando os novos colaboradores não apresentam experiências prévias na função contratada. Motivado por frequentes problemas relacionados a escala e com o intuito de descobrir diferentes formas de melhorar o processo de integração, o presente trabalho foi elaborado com o objetivo de refletir sobre como é feita a capacitação de novos colaboradores da enfermagem, principalmente no que tange abordagem pedagógica do processo de treinamento. Busca-se, com isso, identificar formas de tornar a capacitação mais rápida e efetiva. Se caracteriza como relato de experiência, pois baseia-se na experiência vivenciada durante o acompanhamento da integração de um colaborador, com posterior fundamentação teórica e análise da situação vivenciada. A coleta de dados se deu por meio de observação, com registros realizados em diário de campo. A análise dos dados se deu por meio de reflexão teórica, na qual foram feitas comparações entre as informações registradas e a bibliografia disponível na área. Percebeu-se que o

treinamento dos novos funcionários é feito predominantemente de forma reprodutivista, sem reflexão ou foco no aprendizado. Concluiu-se que, mesmo que de forma empírica, os processos de ensino-aprendizagem permeiam o ambiente de trabalho e a aprendizagem por descoberta se mostrou uma abordagem eficaz, maximizando o desempenho do novo empregado.

2.4 Percepção de enfermeiros das equipes da estratégia de saúde da família sobre segurança do paciente

RUIZ, L. S.; ROCHA, B.P.; COPPOLA, I. S.; SOUZA, L. M.; ZAVALHIA, S. R.

Introdução: As pesquisas sobre a cultura de segurança do paciente no âmbito hospitalar são mais presentes, o que precisa acontecer também na atenção primária, principal ponto de acesso ao SUS. Objetivo: Conhecer a percepção dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família (ESF), sobre o tema segurança do paciente. Métodos: Estudo qualitativo com 10 enfermeiros da ESF de um município da região metropolitana de Porto Alegre. Resultados: Emergiram três categorias: I) a cultura de segurança do paciente na ESF, II) ações de promoção da segurança do paciente na ESF e III) segurança do paciente na ESF: o que avançar?. A educação continuada, criação de protocolos de segurança, identificação do paciente, administração de medicamentos, prevenção de quedas e comunicação surgem como fatores predisponentes a incidentes e eventos adversos e pouco abordados na ESF. Conclusão: A segurança do paciente é pouco abordada na ESF, apesar dos profissionais considerarem como parte do trabalho.

3. ALEITAMENTO MATERNO

3.1 Translactação: percepção de puérperas internadas em alojamento conjunto

MADRUGA, P. A.; DORNFELD, D.

A técnica da translactação consiste na utilização de um recipiente ou seringa de 10 ou 20ml, sem embolo, acoplado a uma sonda gástrica número 4 fixada ao seio materno próximo à aréola, onde o recém-nascido (RN) é estimulado a sugar para estimular a produção do leite enquanto é alimentado. O procedimento tem sido utilizado especialmente no atendimento a RN prematuro, contudo, eventualmente, a equipe assistencial do alojamento conjunto da instituição em estudo tem lançado mão dessa técnica a fim de atingir os mesmos propósitos com os RN a termo. Diante deste fato, surgiram questionamentos quanto às implicações da translactação para as puérperas, especialmente nos aspectos relacionados à confiança na sua capacidade para produção de leite e na manutenção do aleitamento materno exclusivo. Trata-se de um estudo exploratório, descritivo, com abordagem qualitativa, cujo objetivo foi conhecer as implicações da translactação para o estabelecimento do aleitamento materno em recém-nascidos a termo a partir da percepção de puérperas internadas em Alojamento Conjunto. O local de estudo foi a Unidade de Alojamento Conjunto de um hospital público de grande porte, localizado na cidade de Porto Alegre/RS. A amostra foi constituída por oito binômios (mãe-bebê) que realizaram translactação. Os dados foram obtidos por meio de uma entrevista semiestruturada e analisados conforme Análise de Conteúdo. As puérperas perceberam a translactação como uma prática positiva, pois auxiliou o RN na busca do seio materno, assim como para a sucção e estímulo à descida do leite. Ao entenderem a finalidade da translactação e identificarem os resultados positivos, demonstraram confiança para seguirem amamentando exclusivamente. A equipe de saúde comprometida e capacitada é fundamental para o estabelecimento e manutenção do aleitamento materno, tanto em relação ao aconselhamento como na realização adequada do procedimento de translactação.

3.2 Promovendo o aleitamento materno: identificação e manejo clínico das dificuldades iniciais com a técnica da amamentação

SILVA, I. S.; DORNFELD, D.

O estudo objetivou identificar e manejar as dificuldades iniciais com a técnica da amamentação vivenciadas pelas puérperas do Alojamento Conjunto de um hospital público localizado no município de Porto Alegre/RS. Estudo de abordagem qualitativa, convergente-assistencial, realizado mediante assistência de enfermagem a oito binômios que apresentaram dificuldade com a técnica da amamentação. Para coleta de dados foi utilizado diário de campo para identificação da técnica inadequada e descrição do manejo clínico com aconselhamento para uma técnica corretada amamentação. Os dados foram analisados, conforme proposto por Minayo, e identificou-se duas categorias: posicionamento da dupla e pega ao seio materno. As principais dificuldades identificadas na primeira categoria estiveram relacionadas ao tipo de parto, excesso de cobertores entre a dupla e altura da criança em relação ao seio materno; já na segunda categoria se identificou a dificuldade da criança em abocanhar a aréola do seio materno mesmo quando todos os pontos estão favoráveis à boa pega. Os resultados evidenciaram que a observação e avaliação da mamada, com intervenção antecipada, foram efetivos para a superação das dificuldades iniciais na amamentação. Contudo ressalta-se a importância da continuidade da assistência com o acompanhamento da amamentação.

3.3 Percepções da puérpera com relação a qualidade da assistência prestada no pré-natal de baixo risco

PIRES, S. L. F.; SCHNEIDER, M. I.

Objetivo geral: Avaliar qualitativamente se as puérperas consideram que recebem orientações referentes aos processos fisiológicos, emocionais da gestação, parto e puerpério, e se são informadas quanto aos processos que ocorrem durante a internação hospitalar e seus direitos, em uma USF (Unidade de Saúde da Família) localizada em um município do Vale dos Sinos– RS Justificativa: De acordo com estudos as gestantes que são apoiadas e encorajadas em relação ao trabalho de

parto são mais preparadas e lidam melhor com o processo de parto. O estudo visa obter indicadores de qualidade relacionados as orientações fornecidas durante o pré-natal na ESF a respeito das mudanças do período gravídico-puerperal segundo a percepção das puérperas. Fundamentação teórica: O programa de Humanização do Pré-Natal e Nascimento (PHPN), que teve sua implantação no ano 2000, tem como objetivos principais a atenção ao pré-natal mais humanizado e redução nas taxas de mortalidade materna, aliada a rede cegonha que visa a garantia do acesso aos serviços de atenção à saúde da gestante antes mesmo da concepção até o nascimento do bebê. O Hospital Geral de Novo Hamburgo realizou no ano de 2015 73% de partos normais, superando a média nacional de 55%. A maternidade conta com equipamentos de alívio da dor e vem caminhando para se tornar referência em parto humanizado, com a criação da Casa da Gestante, Bebê e Puérpera e ampliação do Centro de Parto Normal. Abordagem metodológica: Pesquisa qualitativa, sendo a coleta de dados em forma de entrevista gravada e transcrita, e a população alvo as puérperas até 42 dias de pós-parto da área de abrangência da ESF.

3.4 O incentivo da rede social da nutriz na prática do aleitamento materno

SILVA, M. L.; DORNFELD, D.

RESUMO: A amamentação pode se configurar em um ato fortemente influenciado pela vivência da mãe-nutriz em sociedade, onde os fatores socioculturais venham a se sobrepor aos determinantes biológicos, com a rede social da nutriz podendo exercer interferência positiva ou negativa na sua decisão de amamentar. Dessa forma, o objetivo deste estudo foi compreender a influência da rede social das nutrizes na prática do aleitamento materno. Foi desenvolvido na unidade de alojamento conjunto de um hospital geral de Porto Alegre/RS, com 10 nutrizes que participaram de uma entrevista semiestruturada. A análise dos dados, que seguiu a análise do conteúdo de Bardin, evidenciou que as mulheres não reconheceram, na maioria das vezes, o apoio da rede social, seja porque, de fato, ele não existiu, ou que, por não ter sido suficientemente consistente, não foi percebido por elas. Para elas, a prática da amamentação foi influenciada por questões pessoais, como

experiências positivas com a amamentação anterior e por acreditarem que amamentar é um ato natural e instintivo da mulher. A mesma importância teve o apoio dos profissionais da saúde para o sucesso do aleitamento materno, ao serem identificados tanto como suporte emocional, quanto de orientações adequadas e coerentes, que lhes trouxeram confiança para seguirem amamentando. Os resultados desse estudo evidenciaram a contribuição relevante que a equipe de saúde tem no estabelecimento e manutenção da amamentação e, neste sentido, indicaram também um alerta para que as ações de apoio, incentivo e promoção do aleitamento materno incluam a rede social da mulher, mostrando e estimulando as diversas possibilidades de participação.

4. GESTÃO

4.1 Avaliação do impacto da gestão da clínica na qualificação do cuidado e na garantia de acesso hospitalar

ANSCHAU, F. WEBSITER, J.; ROESSLER, N.; FERNANDES, E. O.; KLAFKE, V. SILVA, C. S.; MERSSSESHMIDT, FOSARI, J. A. JOBIM FOSSARI.

A busca de estratégias para qualificação assistencial e garantia de acesso tem sido objeto de trabalho da gestão hospitalar. Acreditamos que a gestão da clínica pode se constituir em dispositivo importante de organização dos processos assistenciais e impactar favoravelmente na qualidade do cuidado e em maior acesso aos serviços hospitalares. O objetivo deste artigo é descrever os resultados alcançados nos indicadores tempo médio de permanência, número de internações, taxa de mortalidade e índice de renovação, com a estratégia de incorporação da gestão da clínica no processo assistencial da unidade de retaguarda do HNSC. Adotamos como ferramentas da gestão da clínica a implantação de equipes de referência multiprofissionais e de rounds multidisciplinares, a instituição do kanban para monitoramento do tempo médio de permanência, a introdução do projeto terapêutico singular (PTS) na porta de entrada do hospital (emergência) e a regulação interna dos leitos pelo Núcleo Interno de Regulação (NIR). Após período de dois meses para implantação da estratégia, monitoramos os indicadores hospitalares no ano de 2016 e comparamos com o mesmo período do ano anterior. A gestão da clínica na proporcionou maior acesso aos pacientes (aumento no número médio de internações de 116 para 128/mês) e qualificação assistencial com aumento das altas hospitalares (aumento de 101,9%) e diminuição das transferências internas (de 726 para 278 no período) e da taxa de mortalidade (de 3,5% para 0,7%). Identificamos, no período de janeiro a dezembro de 2015, um TMP de 7,2 dias enquanto que no ano de 2016, já com a estratégia de gestão da clínica implantada, obtivemos um TMP de 6,6 dias.

4.2 O acesso através do olhar dos profissionais e usuários da atenção primária à saúde

SOUZA, J.

A partir da criação do SUS, novas propostas de intervenção foram desenvolvidas visando o aperfeiçoamento da assistência, entre elas, a Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão em Saúde no SUS, também chamada de PNH e/ou HumanizaSUS em 2003. A PNH vem com o objetivo de qualificar a assistência prestada na porta de entrada aos serviços de saúde, elaborando projetos de saúde individuais e coletivos, visando às políticas públicas de saúde, incentivo às práticas promocionais e formas de acolhimento e inclusão do usuário que promovam à otimização dos serviços, o fim das filas, a hierarquização de riscos e o acesso aos demais níveis do sistema efetivado. O Acolhimento, uma das ações de maior importância, é uma estratégia que visa permitir melhor qualidade de acesso e resolutividade. O objetivo deste trabalho é conhecer as características do acesso da população aos recursos e serviços da Unidade de Saúde Parque dos Maias, do Serviço de Saúde Comunitária do Grupo Hospitalar Conceição, avaliando os pontos de vista da população e dos profissionais da equipe de saúde. Avaliar o acesso da população aos serviços e recursos de saúde é fundamental para identificar barreiras e aperfeiçoar a porta de entrada, facilitando o acesso e qualificando a atenção à saúde. Esta avaliação é mais abrangente quando compreende os pontos de vista da população e da equipe de saúde. A pesquisa irá basear-se metodologicamente como qualitativa exploratória, sendo realizada na Unidade de Saúde Parque dos Maias. Serão convidados a participar do estudo moradores do território e os profissionais de saúde da unidade, a pesquisa será feita através de um questionário semi-estruturado, e a análise de dados se dará através da análise de conteúdo. O presente foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Grupo Hospitalar Conceição, bem como à Plataforma Brasil.

4.3 Ambiência como ferramenta de humanização

BENDER, E.F.; BERTAMONI, L. F.; SILVA, A. M.; BESCKOW, A. E.; FLORES, R. Z.; PINTO, T. F. F.; SANTOS, S. G.

O Hospital Criança Conceição foi inaugurado no final da década de 60, sua área física foi sendo adaptada ao longo desses anos, ou seja, o prédio é antigo e possui as características de hospitais desse período. Em função do crescimento da instituição, os serviços tiveram que se adaptar a essa realidade e muitos dos processos terminaram por não respeitar as diferenças entre adultos e crianças.

Ambiência na saúde compreende o espaço físico, social, profissional e de relações interpessoais que deve estar em sintonia com um projeto de saúde voltado para a atenção acolhedora, resolutive e humana. A Política Nacional de Humanização tem como uma das suas diretrizes a valorização da ambiência, com organização de espaços saudáveis e acolhedores de trabalho. Essa compreensão de ambiência como diretriz da Política Nacional de Humanização é norteada por três eixos principais: 1) O espaço que visa a confortabilidade; 2) O espaço como ferramenta facilitadora do processo de trabalho e; 3) A ambiência como espaço de encontros entre os sujeitos. Justificativa: O tema integra as diretrizes da instituição e o mesmo faz parte do processo de humanização instituído pelo Ministério da Saúde. Viabilizar o conceito de Ambiência nos espaços do Hospital Criança Conceição é um avanço na direção da humanização do território dessa instituição. Estudos comprovam a melhoria na satisfação, e um ambiente harmoniosamente organizado, com melhor locomoção e segurança em hospitais em que a ambiência foi implantada. Objetivo Geral: Viabilizar o primeiro eixo norteador que compreende a confortabilidade, ou seja, elementos que atuam como modificadores e qualificadores do espaço. Objetivos Específicos: Orientar o usuário do HCC no acesso correto a essa unidade hospitalar; Identificar cada serviço com uma cor e imagem; Indicar os caminhos para cada serviço; Transformar o espaço hospitalar em um cenário lúdico, agradável e divertido; Sensibilizar no ingresso, que se trata de um hospital pediátrico. Metodologia: Estruturar grupo de trabalho composto por: Gerente de Administração do HCC, Coordenadores de Gerência de Administração, Assistente de Gerência do Registro Geral, Médica da Saúde Comunitária e Artista Plástico, Enfermeira do Gerenciamento de Risco, Assistente de Coordenação do Controle de Infecção, Fisioterapeuta, Psicopedagogo da Recreação, Arquiteto, Comunicação Social; Listar os serviços existentes no HCC; Analisar a planta arquitetônica do prédio do HCC; Identificar os serviços de maior dificuldade de acesso; Definir cores e imagens

pertinentes a cada serviço; - Identificar, através de painéis nas paredes dos corredores do hospital, quais os caminhos que devem ser seguidos para chegar ao local pretendido; Colocar “totens” no pátio interno. Esse trabalho será iniciado no setor de Imagem, como projeto piloto, tendo em vista se tratar do serviço que apresenta maior dificuldade no acesso. A metodologia utilizada prioriza a área interna do HCC, porém, após a conclusão da área interna, será realizado um trabalho na fachada do mesmo. Resultados Esperados: Alcançar os objetivos propostos, transformando o cenário hospitalar em um espaço menos amedrontador, mais receptivo, acolhedor, lúdico e seguro.

4.4 Auriculoterapia para profissionais de saúde: percursos possíveis da aprendizagem à implantação na unidade de saúde

HOHENBERGER, G.; DALLEGRAVE, D.

Este trabalho trata de um relato de experiência em que a potencialidade está em compartilhar o impacto de uma formação em Auriculoterapia, repercutindo na implantação do atendimento em uma Unidade de Saúde da Família. A partir da “Formação em auriculoterapia para os profissionais de saúde da Atenção Básica”, oferecida através da parceria entre a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e o Ministério da Saúde, destaca-se a trajetória de implantação do atendimento de auriculoterapia em uma Unidade de Saúde do município de Porto Alegre/RS. O processo de implantação do atendimento de auriculoterapia na Unidade de Saúde, conforme orientações dos módulos da Formação em Auriculoterapia, referem que gestores, políticas institucionais, sujeitos envolvidos, cultura local e organizacional devem estar alinhados para uma implantação exitosa, portanto, optou-se por iniciar o processo de implantação dando ciência ao gestor local e solicitando insumos para auriculoterapia, após isso, as profissionais que fizeram a Formação em Auriculoterapia levaram a discussão para a equipe e o Conselho Local de Saúde. A inserção das PIC - Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde configura uma ação de ampliação de acesso e qualificação dos serviços, na perspectiva da integralidade da atenção à saúde da população; ademais, o espaço social das PIC tem valor antropológico e sua ascensão, juntamente com uma crise da atenção à saúde, reflete um cuidado à

saúde mercantilizado e focado na doença, não no indivíduo e nas suas subjetividades.

5. PAINEL DE PRODUÇÃO TECNO-CIENTÍFICA DO MESTRADO PROFISSIONAL EM AVALIAÇÃO E PRODUÇÃO DE TECNOLOGIAS EM SAÚDE DO GHC

5.1 Desigualdades sociais na utilização de medicamentos especializados para tratamento de esquizofrenia

SILVA, E. V.; KLAFKE, A.; KOPITTKE, L.

Este estudo avaliou a influência de desigualdades sociais e cobertura com saúde suplementar na utilização de medicamentos especializados do Protocolo Clínico de Esquizofrenia no SUS em Porto Alegre. Estudo transversal com os 1.547 indivíduos em tratamento contínuo há mais de 12 meses. Os dados, oriundos de base informatizada pública e de prescrições médicas, foram coletados na assistência farmacêutica estadual e calculadas taxas de utilização por quartil socioeconômico do território da cidade. Para a estratificação, foi utilizado o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de cada uma das 335 microáreas do município. Nas análises foram aplicados intervalo de confiança de 95% para razão de taxas e teste qui-quadrado para comparação de proporções. O quartil 1, com menor condição socioeconômica, apresentou utilização inferior destes medicamentos em relação aos demais: quartil 2 (1,74, IC 95% 1,41-2,07), quartil 3 (1,74, IC 95% 1,41-2,06) e quartil 4 (1,69, IC 95% 1,40-1,98). A proporção de prescrições privadas teve aumento constante do quartil 1, com 13,7%, em direção ao quartil 4, com 48%, sendo esta diferença estatisticamente significativa para o quartil 1 em relação aos quartis 3 e 4 (p valor $<0,05$). Embora a menor utilização pelo estrato de pior nível socioeconômico esteja associada à menor cobertura com saúde suplementar, outros fatores devem condicionar a relação causal. A Assistência Farmacêutica, em especial na gestão de medicamentos especializados, deve integrar-se de forma efetiva ao trabalho das equipes que coordenam o cuidado, na Rede de Atenção à Saúde do SUS, buscando romper tais condições de iniquidade.

5.2 Adesão de médicos ao protocolo clínico e diretriz terapêutica do Ministério da Saúde para doença de Parkinson

RIGO, A. P.; LEVANDOVSKI, R. M. TSCHIEDEL, B.

Objetivos: Avaliar o nível de adesão dos médicos prescritores ao protocolo clínico e diretriz terapêutica (PCDT) do Ministério da Saúde para Doença de Parkinson, no RS. Metodologia: Estudo descritivo transversal. Foram coletados dados de 375 solicitações de medicamentos encaminhadas à Assistência Farmacêutica da SES/RS durante seis meses, em 2016. A adesão foi considerada como a conformidade no seguimento das recomendações do PCDT para o diagnóstico e tratamento do agravo, além do preenchimento adequado dos documentos exigidos para a organização do acesso aos medicamentos do componente especializado da assistência farmacêutica (Ceaf). As variáveis analisadas foram: idade do paciente, descrição dos sinais e sintomas que originaram o diagnóstico, tratamento solicitado, utilização prévia de levodopa, intensidade dos sintomas e presença de discinesias e complicações motoras. Resultados: Em 92,8% das solicitações analisadas, houve falta de adesão aos critérios de inclusão do PCDT e no preenchimento dos documentos exigidos para a organização do Ceaf, como o LME (laudo de solicitação de medicamentos). Os critérios para definição do diagnóstico definitivo do agravo estavam descritos em apenas 9,6% das solicitações. Conclusões: Foi constatada baixa adesão dos médicos prescritores às recomendações do PCDT para Doença de Parkinson e demais critérios do Ceaf, considerando o preenchimento dos documentos necessários para o acesso ao tratamento farmacológico. Os dados indicam que a implementação do protocolo apresenta lacunas que poderão ser diminuídas a partir de melhores estratégias para a implementação.

5.3 Projeto terapêutico singular e processo de trabalho de equipes em centros de atenção psicossocial

SCHORN, R. P.; WARMLING, C. M.; FARIA, E. R.

O Projeto Terapêutico Singular (PTS) consiste em um dispositivo de gestão da atenção, segundo a Política Nacional de Humanização (PNH). Está amparado pelo contexto da Reforma Psiquiátrica e pelos pressupostos da integralidade, humanização, co-responsabilização do cuidado e da Clínica Ampliada. O presente estudo busca analisar o uso do PTS como tecnologia do processo de trabalho de equipes de saúde mental que atuam em dois Centros de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPSad), um de Porto Alegre e outro da Região

Metropolitana. Trata-se de um estudo de caso com delineamento qualitativo. Serão convidados a participar da pesquisa todos os técnicos (tanto os de ensino médio quanto os de superior) integrantes das equipes de um CAPSad de Porto Alegre e de um CAPSad da Região Metropolitana. Os participantes irão compor Grupos Focais (de 05 a 10 trabalhadores) para discussão da temática. Esses grupos focais serão orientados por roteiro previamente estabelecido, de acordo com os objetivos desta pesquisa. Os grupos terão duração aproximada de 90 minutos, serão gravados (áudio e vídeo) e, posteriormente, transcritos, visando um melhor aproveitamento do material coletado. A saturação ou o reconhecimento de que os dados produzidos são suficientes para explicarem o problema deve ser adotada como critério de definição do número de grupos focais a serem realizados. A metodologia qualitativa utilizada para organização e produção dos dados será a Análise Textual Discursiva. Os achados serão analisados com base no referencial teórico de Schwartz, no que diz respeito à Ergologia, trazendo o saber que emerge dos trabalhadores.

5.4 Efetividade dos testes cutâneos alérgicos na alergia às proteínas do leite de vaca - resultados preliminares

DI GESU, R. S. W.; SIRENA, S. A.; MENDONÇA, C. S.

O leite de vaca é a maior causa de alergia alimentar na infância. As manifestações clínicas são múltiplas, de intensidade variável e determinadas pelo mecanismo imunológico envolvido o que torna o diagnóstico muitas vezes um grande desafio. Objetivo: Avaliar a efetividade dos testes cutâneos alérgicos em pacientes encaminhados com diagnóstico de Alergia às Proteínas do Leite de Vaca (APLV) na manutenção ou liberação de fórmulas nutricionais especiais. Material e métodos: estudo observacional, transversal, retrospectivo, incluindo crianças submetidas ao teste cutâneo alérgico em ambulatório de Alergia e Imunologia de hospital terciário do SUS encaminhadas com diagnóstico de APLV. Critério de exclusão: pacientes não submetidos aos testes alérgicos pela presença de manifestações clínicas de APLV estabelecidos. Foram utilizados extratos comerciais com proteínas de leite de vaca e leite de vaca in natura comparados a controle positivo e negativo. Os dados foram coletados do prontuário eletrônico por meio de questionário definido enumerando características demográficas, manifestações clínicas, uso de fórmulas

infantis especiais, exames laboratoriais, comorbidades e desfecho. As variáveis categóricas serão comparadas pelo Teste do Qui Quadrado e as contínuas, pelo Teste t de Student caso tenham distribuição normal e Teste de Mann Whitney, se assimétricas. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Nossa Senhora da Conceição. Resultados parciais: o atendimento da especialidade consiste na avaliação de crianças encaminhadas por pediatras, médicos especialistas e nutricionistas. No período de novembro de 2011 a março de 2016, 109 crianças foram submetidas ao teste cutâneo alérgico com proteínas do leite de vaca. A maioria das crianças são do sexo masculino e comorbidades como presença de asma e rinite alérgica são frequentes. As manifestações cutâneas imediatas estão mais relacionadas aos testes positivos. Conclusão: O resultado esperado é que os testes alérgicos confirmem efetividade em relação ao diagnóstico de APLV ou em caso de não comprovação, possibilite a liberação de dieta e eliminação de fórmulas nutricionais hipoalergênicas.

5.5 Presença de neuropatia diabética e fatores associados em pacientes com diabetes em acompanhamento ambulatorial

BERTUZZI, D.; SILVA, F. M., LIMA, A. K.; TSCHIEDEL, B.; COELHO, M. V. P. G.

A neuropatia diabética periférica é uma das complicações do diabetes, que afeta o sistema nervoso periférico e motor dos pacientes, e está associada à maior morbimortalidade e menor qualidade de vida. A identificação da neuropatia diabética periférica através de escores validados, faz-se necessária para a prevenção das complicações do pé diabético. O objetivo do estudo foi avaliar a presença de neuropatia diabética periférica em pacientes com DM acompanhados no ambulatório de um hospital público e sua possível associação com características clínicas e sociodemográficas. Métodos: Estudo observacional transversal, com pacientes adultos portadores de DM tipo 1 e tipo 2 acompanhados no Ambulatório de Prevenção do Pé Diabético do Hospital Nossa Senhora da Conceição (HNSC) de Porto Alegre, através de análise retrospectiva das fichas de acompanhamento dos pacientes atendidos de janeiro de 2011 a dezembro de 2016. Resultados: Foram incluídos 483 pacientes, constatou-se neuropatia diabética periférica em 142 (29,4%). Houve correlação significativa de neuropatia periférica diabética com a

idade dos pacientes, tempo da doença, doença renal do diabetes, retinopatia, história de úlcera e amputação, Escore de Sintomas Neuropáticos, Escore de Comprometimento Neuropático, Perda da Sensibilidade Protetora Plantar e com a variáveis laboratoriais microalbuminúria, uréia e colesterol total. Os pacientes apresentaram médias de idade de $58,8 \pm 10,8$, tempo de diabetes de 12 (7-19) anos, sendo predominantemente caucasianos, mulheres e portadores de DM tipo 2. Eram hipertensos 365 (75,6%), e tinham outras complicações crônicas do DM, como doença renal do diabetes 132 (27,3%) e retinopatia 156 (32,3%). Conclusão: Os métodos utilizados para identificação da neuropatia diabética são tecnologias simples e de baixo custo, que podem ser utilizadas em qualquer estabelecimento ou nível de saúde, com vistas à prevenção das complicações do pé diabético e educação em saúde dos pacientes.

5.6 Uso de plantas medicinais em hipertensão – quais as evidências

EDELWEISS, M. K.; BALDISSEROTTO, J. CASTRO FILHO, E. D.; DATTOLI, V. C. C.; SERRA E MEIRA, L. R. V

Objetivo: Apresentar uma metodologia para avaliar evidências através de Overview das Revisões sistemáticas disponíveis, que estudem a efetividade das plantas medicinais no tratamento da Hipertensão Arterial e apresentar resultados parciais. Metodologia: Foram selecionadas revisões sistemáticas que estudaram o efeito de plantas medicinais no tratamento de pacientes hipertensos. A busca na literatura foi realizada em nove bases de dados, utilizando estratégia de busca sensível, abrangendo o período de 2005 a 2016. A seleção foi feita por pares, sem restrição por língua ou por status de publicação. Foram excluídas revisões que estudaram uso de plantas associadas, ou uso de substâncias isoladas. Os dados foram extraídos através de questionário estruturado. Foi utilizado questionário AMSTAR para avaliar qualidade das revisões incluídas. Resultados: 1265 artigos foram encontrados pela busca. Destes, foram selecionadas 43 revisões. Metanálises avaliaram o efeito anti-hipertensivo de Alho, beterraba, cacau, Camellia sinensis, semente de uva, Hibiscus sabdariffa, Ginkgo biloba, ginseng, linhaça, Nigella sativa, Picnogenol® e Salvia hispânica. Nenhuma revisão avaliou desfecho de morbimortalidade cardiovascular. Das 43 revisões incluídas, 46% foram consideradas de boa qualidade, preenchendo

pelo menos 7 dos 11 critérios AMSTAR, mas somente duas preencheram todos os critérios. As deficiências mais prevalentes foram: ausência de protocolo a priori (33 artigos), não apresentação dos artigos incluídos e excluídos (36 artigos), não inclusão de literatura cinzenta (30 artigos) e não declaração ou avaliação de conflitos de interesse em (30 artigos). Conclusões: A metodologia foi adequada para avaliar os estudos. Existem um grande corpo de evidências que avalia o efeito das plantas medicinais no tratamento da hipertensão, entretanto, é necessário o desenvolvimento de pesquisas que avaliem desfecho de morbimortalidade cardiovascular.

6. GRUPOS

6.1 Vigilância nutricional em crianças menores de um ano: projeto nutribebê. experiência de uma unidade de saúde de Porto Alegre/RS

BARATTO, P. S.; FRANZONI, B.; LIMA, L. A.; OLINTO, M. T. A.

Objetivo: Avaliar a frequência de aleitamento materno (AM) e aleitamento materno exclusivo (AME) em usuários de até três, seis e trezes meses, que participaram do Projeto Nutribebê em uma Unidade de Saúde de Porto Alegre/RS. Métodos: Estudo transversal realizado através de avaliação e aplicação de questionário a mães e cuidadores de crianças menores de um ano de idade, participantes do Projeto Nutribebê, realizados entre outubro de 2015 e fevereiro de 2017 na Unidade de Saúde Barão de Bagé. A avaliação foi composta por questionário semi estruturado, com perguntas sobre aleitamento materno (tempo de aleitamento, frequência, tipo de leite) e introdução alimentar (quais alimentos e em que momento introduziu). Resultados: Dos cinquenta e um participantes avaliados, 23,5% (n=12) foram entrevistados aos três meses de idade ou menos. Destes, 75% (n=9) estavam em AME e 25% (n=3) já havia introduzido algum tipo de alimento ou líquido antes do período recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Das crianças avaliadas dos três aos seis meses (n=8), apenas duas estavam em AME. Do total de crianças entrevistadas entre seis e trezes meses (n=23), 56,5% (n=13) estavam recebendo aleitamento materno associado com a alimentação complementar e 43,4% (n=9) já não estavam mais sendo amamentados. Conclusões: Tendo em vista a recomendação da OMS de AME até os seis meses de idade e complementado até os dois anos ou mais, conclui-se que tanto a frequência do AME, quando a manutenção do AM nesta unidade de saúde não corresponde ao preconizado, o que sugere a necessidade de mobilização contínua, progressiva e de enfoque multiprofissional na tentativa de melhorar os índices de aleitamento na população atendida.

6.2 Relato de experiência: grupo de deficientes visuais

SEIFERT, D. C.; CRESTANI, T. R.; RODRIGUES, G. O.; MAGNI, J. A.; ARAÚJO, F.

O Grupo de Deficientes Visuais, em Nova Petrópolis acontece semanalmente, com atividades multiprofissionais variadas e também com atividades físicas, desenvolvidas pelos profissionais do NASF, na Academia da Saúde da UBS Centro. O grupo foi formado devido à procura de alguns deficientes visuais que faziam acompanhamento e atividades na Associação dos Pais e Amigos dos Deficientes Visuais (APADEV), em Caxias do Sul/RS, mas que tiveram que parar de freqüentar a associação devido ao convenio não poder ter sido renovado, pois o prazo para tal havia passado e se tratava de um ano eleitoral. A partir disso, os interessados solicitaram apoio direto ao educador físico do NASF, que já fazia atividade física com os mesmos. A proposta foi levada para reunião de equipe e com a aprovação de todos, pactuou-se o desenvolvimento de atividades para com os mesmos. Durante o período de atividades o grupo foi sofrendo alterações e ajustes, que culminaram no pedido de que o mesmo não fosse findado mesmo após a repactuação do convênio com a APADEV. Hoje o grupo conta, conta com 4 participantes e alguns familiares, sabendo que pelo IBGE nova Petrópolis tem aproximadamente trinta pessoas com Deficiência Visual. Algumas das atividades desenvolvidas: reflexões e discussões sobre temas de interesse e de utilidade em saúde, educação em saúde (alimentos, fitoterapia, mastigação, ansiedade, adaptação direitos do Deficiente Visual, etc.), dinâmicas de grupo, jogos, entre outros.

6.3 Grupo de adolescentes: um relato de experiência na unidade de saúde Jardim Leopoldina

FONTOURA, É. F.; RAYMUNDO, L. L.

Este relato de experiência aborda sobre um grupo de adolescentes implementado na Atenção Primária em Saúde em Porto Alegre-RS. O grupo busca aproximar e vincular adolescentes. Acredita-se que desse modo conseguimos empoderá-los sobre o autocuidado em saúde, sobre seu desenvolvimento e sua cidadania. O grupo de adolescentes foi planejado e concretizado em 2015 pelas residentes da Unidade de Saúde (US), preceptora de campo e uma Agente Comunitária de Saúde. Tem o intuito de propiciar aos adolescentes do território da US Jardim

Leopoldina um espaço de trocas e experiências, de expressão e ressignificação. São abordadas diversas temáticas típicas da adolescência, contribuindo desta forma para a reflexão sobre 'adolescer'. Os grupos são efetuados semanalmente, com duração em média de uma hora. A facilitação do grupo é realizada por residentes e profissionais que desejem agregar a constituição do grupo. As atividades propostas permitem que os adolescentes possam ser agentes construtores deste processo. Os facilitadores mediam estes desejos, conforme a unanimidade, e avaliam a possibilidade do grupo em implementar esta proposta. Também os facilitadores levantam algumas questões que consideram pertinentes para esta demanda, e que são validadas pelos integrantes do grupo. Otimiza-se para estes adolescentes as relações interpessoais, promoção e prevenção de saúde e o incentivo no engajamento de projetos e perspectivas de vida pelo modelo de educação popular em saúde. Entre as temáticas abordadas ao longo do ano cita-se: adolescência, relações interpessoais, cultura, projeto de vida, estudos, sexualidade, alimentação, etc. Ao final de cada encontro os facilitadores avaliam a percepção dos adolescentes, erros e acertos na metodologia empregada nas atividades. Também quando possíveis são realizadas reuniões de planejamento do grupo. Por fim, este espaço tem tido boa adesão dos adolescentes que se demonstram assíduos e engajados, além de possibilitar o fortalecimento do vínculo entre os adolescentes do território e os profissionais da US.

6.4 Narrando sentidos: humanização no atendimento a doenças crônicas

KICHLER, G. F.; OROFINO, M. M. B.

O cuidado a pessoas com doenças crônicas configura-se como desafio aos serviços de saúde, por exigir um acompanhamento longitudinal. Além disso, seu tratamento envolve várias mudanças de hábitos de vida, que refletem diretamente sobre a rotina e os comportamentos do sujeito. A forma como este percebe essas mudanças pode auxiliar ou prejudicar o percurso do tratamento. Neste sentido, a capacidade do profissional estabelecer vínculo e escutar o contexto do sujeito, é essencial para promover estratégias que façam sentido para ele, em sua singularidade. A abertura para uma escuta mais ativa auxilia a efetivação de um cuidado mais integral,

possibilitando uma maior autonomia e protagonismo do sujeito, compartilhando o cuidado. Este trabalho se propôs a investigar e identificar, através de narrativas de atendimentos de pacientes do programa Hiperdia de uma unidade de saúde, possibilidades de autocuidado apoiado. Método: estratégia qualitativa de pesquisa fenomenológica, através da narrativa, objetivando compreender a experiência do sujeito. Para tanto, acompanhou-se alguns atendimentos médicos, escrevendo a narrativa dos mesmos. A análise foi orientada pelos objetivos da pesquisa, atentando para a história de vida e capacidade de resolução de problemas. Identificaram-se os aspectos mais relevantes e repetidos, posteriormente separados em cinco núcleos de sentido: espiritualidade, plano de ação (se a pessoa tem ou não e como põe em prática), apoio familiar, comorbidades e acesso restrito (dificuldade de acesso a medicamentos, consultas e exames). Percebeu-se a importância da escuta de questões subjetivas do sujeito pelo profissional, na medida em que impactam no modo como este se compromete e prossegue com seu tratamento, dispondo assim de uma maior ou menor capacidade de autocuidado apoiado.

7 SAÚDE MENTAL – CAPS AD

7.1 Do imaginário ao real: (des) (re) construindo o perfil dos usuários e seus planos terapêuticos pela ótica dos próprios usuários e funcionários vinculados ao CAPS AD III-GHC- Passo a passo na cidade de Porto Alegre.

LAMPERT, F. M.; CASTILHOS, T. F.

O surgimento do SUS, a Reforma Psiquiátrica e a Política Nacional de Atenção Integral ao Usuário de Álcool e Outras Drogas são marcos da constante evolução da Saúde no Brasil. A aprovação da Lei nº10.216 de 2001 no Sistema Único de Saúde (SUS), instituiu uma rede de assistência e possibilitou o surgimento dos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas - CAPS AD, um serviço especializado, com finalidade de apoiar usuários e famílias na busca de independência e responsabilidade para com seu tratamento. Contudo emergem questionamentos sobre esse usuário: o sujeito real- usuário do serviço prestado pelo CAPS AD- é o mesmo sujeito daquele visto pelos profissionais do serviço? Seus planos terapêuticos incluem a vontade e o desejo do usuário? O serviço oferece o que o usuário necessita/ deseja? Este estudo visa avaliar o perfil dos usuários do serviço de saúde denominado CAPS AD, bem como avaliar sua participação no plano singular terapêutico. Juntamente com a percepção desses usuários pela ótica dos trabalhadores de saúde desse serviço, e também o papel que esse usuário tem frente à equipe, buscando uma melhora no que tange os serviços prestados. Este estudo é de abordagem quantitativa, que se alicerça na estatística descritiva e posteriormente análise e discussão de dados como base, onde sua fonte de dados se dará através de instrumentos estruturados (questionários) aplicados em usuários e trabalhadores do CAPS AD III- Passo a Passo do Grupo Hospitalar Conceição- GHC de Porto Alegre/RS, onde abordará questões de cunho sociodemográfico, dependência química, serviços prestados bem como a participação do usuário na escolha do seu plano terapêutico singular. Serão respeitados todos os requisitos de ética em pesquisa.

7.2 Dependência química: internações na rede pública de residente da cidade de Porto Alegre-RS (2012-2014)

LAMPERT, F. M.; ROSA, R. S.

A Reforma Psiquiátrica, o surgimento do SUS e a Política Nacional de Atenção Integral ao Usuário de Álcool e Outras Drogas são marcos da constante evolução da Saúde no Brasil. A dependência química traz prejuízo aos cofres públicos, provocando internações hospitalares, elevando os índices de acidentes, fazendo cair a produtividade e aumentando a violência urbana. A grande parcela responsável pelos gastos em se tratando de dependência química é o álcool, que é consumido por 17,9% da população adulta. A presente pesquisa tem como intenção provocar uma reflexão e uma possível ação buscando melhorias relacionadas às internações por dependência química. Tem como objetivo mensurar as hospitalizações por dependência química na rede pública de usuários residentes do município de Porto Alegre, RS, no período de 2012 a 2014. Consiste em um estudo epidemiológico, de base populacional, observacional e transversal. A fonte dos dados é o Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). Serão analisadas as internações hospitalares categorizadas por dependência química (CID 10 com códigos F-10 a F-19), viabilizadas via SUS de residentes de sua capital do RS, no período de janeiro de 2012 a dezembro de 2014, contemplando todas as faixas etárias. Serão consideradas para dimensionamento físico internações ou hospitalizações as AIHs pagas do tipo AIH-1, já para o dimensionamento financeiro serão utilizadas as AIH-5. Os casos e variáveis de interesse serão selecionados nas bases de dados do movimento mensal de AIH no período limitador da pesquisa. O diagnóstico principal corresponde a causa da internação. Serão mensurados os coeficientes populacionais e a permanência média. Os dados serão processados (TabNet, TabWin) e aplicados Teste Qui-Quadrado) e posteriormente analisados e confrontados.

7.3. A arte resignificando a história de vida de um morador de rua em atendimento no consultório na rua pintando saúde do Grupo Hospitalar Conceição

MEYER, S. H. B.; FARIAS, V. C.; SANTOS, D. M.

O presente artigo apresenta relato de experiência dos atendimentos por mim realizados enquanto residente de artes da Residência Integrada em Saúde (RIS) da

ênfase em Saúde Mental (SM) com um usuário do Consultório na Rua Pintando Saúde (CRua), do Grupo Hospitalar Conceição (GHC) em Porto Alegre. Os atendimentos aconteceram no espaço das Oficinas de arte, Artesanato e Reciclagem por mim realizadas enquanto residente no Crua. As atividades fizeram parte do Plano Terapêutico Singular (PTS) do usuário como proposta de cuidado do serviço. O trabalho foi desenvolvido na sede do CRua com o objetivo de oferecer atividades artísticas como meio de expressão, descoberta de habilidades adormecidas, resgate da autoestima, entre outros objetivos, tais como a busca da reinserção/inserção social do usuário na coletividade, no mundo do trabalho, e na possibilidade de (re)construção de seus sonhos, e acompanhamento do desenvolvimento do Projeto Terapêutico Singular (PTS). Foi um estudo qualitativo, abordando a técnica da história oral como forma de apreender as experiências do vivido do sujeito. As oficinas ocorreram em três encontros semanais no período de maio a dezembro de 2014.

7.4. Saúde auditiva na atenção básica

CRESTANI, T. R.; ALMEIDA, A. S.; SEIFERT, D. C.; RODRIGUES, G. O.; MAGNI, J. A.

Mattos (2001), afirma que, para se ter resposta sobre a efetividade no sentido da integralidade, e por tanto da universalização dos procedimentos, é preciso estudar a forma de organização dos serviços ofertados e das práticas de saúde efetivas com base nas diretrizes que a norteiam. Com a residência do Grupo Hospitalar Conceição (GHC), ênfase de Saúde da Família e da Comunidade, descentralizada em Nova Petrópolis, no Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF) este trabalho qualitativo tem o intuito de relatar a organização do cuidado à saúde auditiva na atenção básica, desde a Política Nacional de Saúde Auditiva, histórico e ações no município, pelo Sistema Único de Saúde (SUS) com base na literatura e na legislação brasileira em vigor. A lógica de trabalho do NASF é apoiar as ações das equipes de AB, que compreende até mesmo a atenção à saúde das pessoas com deficiência, (assistindo os usuários que necessitam de cuidado e fazendo a identificação imediata dos tipos de lesões e possíveis deficiências e incapacidades que acometem todas as fases do ciclo de vida); Garantia da continuidade do cuidado

em reabilitação (Realizar/orientar encaminhamento responsável a outros pontos de atenção e analisar falhas na rede de cuidado nos aspectos de referência e contra referência). (MS, AMAQ NASF, 2013). Discutir serviço X política, é essencial para compreender os avanços e desafios da Rede, fornecendo subsídios de modo a favorecer atendimento de qualidade para um maior número de usuários do Sistema Único de Saúde – SUS (BOSI MLM, UCHIMURA KY. 2007)(CARVALHO A.L.B. et al. 2011).

8 GESTÃO

8.1 Absenteísmo e sintomas osteomusculares em trabalhadores de enfermagem de unidades de internação hospitalar adulta

RUIZ, L. S.; SCOPEL, C. D.; D'AVILA, E. S.; MELO, L.

Os profissionais de enfermagem estão expostos a condições de trabalho precárias que potencializam o adoecimento o absenteísmo. Este estudo, transversal, exploratório-analítico, com abordagem quantitativa, objetiva analisar a relação entre o absenteísmo e os sintomas osteomusculares em trabalhadores de enfermagem de unidades de internação hospitalar adulta. A coleta de dados ocorreu entre setembro e novembro de 2014, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (parecer 680.012). Os dados foram coletados através de instrumento para coleta de dados sociodemográfico e questionário nórdico de sintomas osteomusculares. O absenteísmo foi coletado através de autorrelato. Compuseram a amostra 71 técnicos e auxiliares de enfermagem, a maioria do sexo feminino (69%) e com média de idade de $39 \pm 9,0$ anos. Metade deles teve até cinco dias de ausência ao trabalho nos doze meses anteriores a pesquisa e 25% informaram pelo menos dez dias de ausência. O maior absenteísmo foi de 210 dias. A distribuição dos sintomas osteomusculares (parestesia ou dor) no último ano foi: pescoço (51,4%), ombros (51,4%), região superior das costas (51,4%), cotovelos (15,7%), punhos/mãos (47,1%), região inferior das costas (58%), quadril/coxas (37,7%), joelhos (49,3%) e tornozelos/pés (47,9%). Foi maior o absenteísmo naqueles que relataram sintomas de dor/parestesia nos ombros, cotovelos e parte inferior das costas no último ano ou que apresentaram impedimento para realização de alguma atividade nesse período por sintomas no pescoço ou na parte inferior das costas ($p < 0,05$). Não associação significativa entre autorrelato de absenteísmo e queixas no quadril, joelhos, tornozelos e pés. Os sintomas osteomusculares estão entre os principais problemas que afetam a saúde do trabalhador de enfermagem e mecanismos devem ser criados, tanto pelas instituições de saúde quanto pelos próprios profissionais, para se incentivar práticas preventivas.

8.2 Aplicação do ciclo PDCA na implantação do protocolo assistencial de manejo na hemorragia subaracnóidea: experiência do Hospital Cristo Redentor

LIMA, N. B.; DI LEONI, C. B. R.; SILVA, G.; MASCHKE, V. P.

A hemorragia subaracnóidea (HSA) é uma emergência neurocirúrgica, sendo o ressangramento uma das complicações mais temidas. Ele pode ser evitado se o aneurisma for tratado em até 72h do ictus. Estudo retrospectivo, realizado no Hospital Cristo Redentor (referência para manejo da HSA) detectou que o tratamento definitivo ocorria em torno do 6º dia após o ictus. Em 2010 a AMIB desenvolveu o guia da UTI segura, uma orientação para implementação de processos de segurança do paciente e educação continuada. Este guia apresenta o ciclo PDCA, uma ferramenta de gestão para auxiliar na otimização de processos hospitalares. Esse estudo tem por objetivo descrever o uso do PDCA na implantação de protocolo assistencial para manejo da HSA. Metodologia descritiva dos passos do desenvolvimento do ciclo PDCA utilizados na implantação de um protocolo assistencial. No Planejamento, foi identificado o problema pelo estudo retrospectivo institucional prévio e estabelecida a necessidade de implantação de um protocolo institucional para manejo da HSA. No Desenvolvimento, foi elaborado o protocolo institucional e realizado treinamento da equipe que maneja diretamente os pacientes com essa patologia. Na parte de Controle, foi implantado um banco de dados no sistema RedCap com informações de todos pacientes que internaram após a implementação do protocolo. E, por fim, na Ação Corretiva, serão identificados principais desajustes das metas iniciais, comparados com dados do estudo retrospectivo e programados ajustes necessários com equipe assistencial criada para essa finalidade. Como resultados preliminares, observou-se de forma geral adesão ao protocolo e redução nos tempos dos processos. Pequenos ajustes já foram feitos em relação aos dados de identificação dos pacientes que estavam falhos e apresentavam vários equívocos. Esse trabalho permitiu o reconhecimento da viabilidade de aplicação de uma ferramenta de gestão no cenário assistencial, facilitando a educação continuada e permanente. Para um futuro breve está prevista análise completa dos resultados.

8.3 Desfecho funcional após hemorragia subaracnóidea: a experiência de um hospital público terciário

BELLOLI, G. M.; DI LEONI, C. B. R.; REIS, M. M.; CECCHINI, A. M. L.

Introdução: A hemorragia subaracnóidea é uma emergência neurocirúrgica cujo manejo deve ser feito em centros de referência. Ela se destaca não apenas pela mortalidade inicial, mas pelo grau de sequela gerado. **Objetivo:** Avaliar o perfil, bem como o desfecho funcional dos pacientes com hemorragia subaracnóidea (HSA) aneurismática pela escala de Rankin modificado (ERm) atendidos em um centro de referência neurocirúrgica brasileiro. **Métodos:** Análise retrospectiva de uma corte de pacientes com HSA aneurismática entre Junho/2014 e Dezembro/2015 internados no Hospital Cristo Redentor (Porto Alegre - Brasil). Também foi feita avaliação prospectiva do desfecho desses pacientes a longo prazo após a alta hospitalar pela ERm. Ainda foi analisado o risco prévio estimado de morte pela escala Hunt Hess (EHH). **Resultados:** 107 pacientes confirmaram etiologia aneurismática (média $52,7 \pm 14,2$ anos), sendo 65,5% mulheres. A mortalidade hospitalar foi de 22,3%, mas chegou a 30% em 6 meses. Cerca de 50,5% dos que tiveram alta apresentaram desfecho favorável (Rankin 0,1,2,3) em 6 meses. Não foi possível localizar 25,5% dos pacientes após alta hospitalar. Entre os pacientes que morreram, a chance de pertencer ao grupo HH 4, 5 foi 14,6 vezes a chance de pertencer ao grupo HH1,2,3(IC 95% 5,6-38). O tratamento foi cirúrgico em 89% dos casos, ocorrendo em média 6 dias após o ictus. A média geral de tempo de internação hospitalar foi de 34 dias. **Conclusão:** Apesar da mortalidade hospitalar ser comparável a de outros centros de referência, observa-se seu aumento quando analisada a mais longo prazo. Mais de um terço dos pacientes fica sem sintomas, sendo capaz de retomar suas atividades habituais. Como esperado entre os pacientes que foram a óbito, a chance de pertencer ao grupo HH4,5 foi bastante maior.

8.4 Elaboração de folheto informativo: qualificação da comunicação e de processos de trabalho em uma unidade de saúde- relato de experiência.

KICHLER, G. F.

Relato de experiência de ex-residente do Serviço de Saúde Comunitária sobre elaboração de folheto informativo durante o estágio de gerenciamento, no qual os residentes conhecem, vivenciam e debatem teoricamente os processos gerenciais de uma unidade de saúde. Neste estágio também ocorre a elaboração de um projeto para a qualificação de alguma questão identificada. Durante meus primeiros meses na unidade de saúde, percebi, através de falas em reuniões de equipe, uma dificuldade de definição e consenso entre os profissionais quanto aos serviços prestados, gerando ruídos na comunicação com a população, e até mesmo ouvidorias. Constatei que era necessário algo visível e palpável para uma divulgação e verificação dos serviços prestados, bem como garantir o direito à informação da população, segundo a Lei 8.080 de 1990. Para a construção do folheto, foi necessário solicitar os fluxos de cada núcleo profissional da equipe, além de informações gerais. Uma agente de saúde apresentou as dúvidas mais comuns da população. O esboço do material foi apresentado à equipe e Conselho Local de Saúde para ciência e sugestões. Como resultado, vislumbrou-se a importância da reflexão e diálogo constantes sobre os processos de trabalho, bem como da redefinição de fluxos quando necessário. Possibilitou-se uma fala em uníssono e uma comunicação mais clara e amistosa entre os profissionais da equipe, e destes com a população. Esta, por conseguinte, teve seu direito à informação legitimado, dúvidas sanadas, e o acesso ampliado a serviços que anteriormente não tinha ciência. Cabe mencionar que o folheto foi anteriormente idealizado por uma agente de saúde, e seu planejamento teve o auxílio da assistente de coordenação.

9 MESA PLURAL

9.1 Boas práticas na atenção à cesariana em um hospital público de Porto Alegre

BATISTA, M. R.; DORNFELD, D.; RITTER, S. K.

Objetivo: identificar as práticas assistenciais na atenção à cesariana, com ênfase no contato pele a pele, no Centro Obstétrico de um hospital de público de Porto Alegre. Métodos: trata-se de um estudo transversal, prospectivo, de caráter descritivo com abordagem quantitativa e qualitativa realizado no centro obstétrico de um hospital público localizado no município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Para abordagem quantitativa, a seleção da amostra deu-se pelo critério de conveniência. Para análise qualitativa dos dados, foram convidadas todas as mulheres da amostra que não desejaram realizar CPP com o recém-nascido ou solicitaram sua retirada antes de completar uma hora de contato, as quais responderam a uma entrevista semiestruturada. Resultados: foram analisados 305 prontuários de mulheres submetidas à cesariana, totalizando 310 recém-nascidos. A maioria das cesarianas foi realizada por condições fetais, a maioria das mulheres teve seu acompanhante presente durante o nascimento, o tempo de clampeamento do cordão umbilical mais freqüente foi de um minuto e a maioria das mulheres realizou contato pele a pele com seus filhos, sendo o intervalo de tempo mais freqüente entre 16 e 30 minutos. Na fala das mulheres que solicitaram a retirada do recém-nascido do CPP antes de completar 1 hora ficou evidente o sentimento de medo e angústia prévio ao nascimento, a satisfação no momento do primeiro contato com o filho, a dificuldade na realização do CPP devido aos desconfortos do procedimento e importância da presença do acompanhante neste momento. Conclusões: a presença do acompanhante demonstrou-se satisfatória, entretanto, o tempo de clampeamento do cordão ainda pode ser melhorado. O contato pele a pele, apesar de ter uma alta taxa de realização, ainda é realizado por um tempo muito aquém do preconizado, devendo ser buscadas alternativas para qualificação deste momento de interação entre mãe e bebê.

9.2 Características de pacientes adultos com dermatite associada à incontinência: dados preliminares

TEIXEIRA, G. S.; MEIRELLES, L. C. S.; SOUZA, L. M.; WAMMES, A. L.; MADRUGA, D.; LOPES, S. T.

Estudo epidemiológico, descritivo e com abordagem quantitativa, que objetivou analisar as características de pacientes adultos com Dermatite Associada à incontinência (DAI) em unidade de internação clínica/cirúrgica de hospital da região metropolitana de Porto Alegre, atendidos pelo Sistema Único de Saúde. Os dados do estudo são preliminares, coletados no mês de outubro de 2016, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, sob o número 1.755.453. A amostra analisada compreendeu 23 pacientes com DAI, avaliados por meio de anamnese e exame físico nas segundas, quartas e sextas-feiras, em turnos alternados, do início ao término da internação. O questionário estruturado continha dados sócios demográficos e clínicos, além de escala para avaliar a prevalência de DAI e sua classificação. Dos 23 pacientes com DAI, verificou-se média de idade de $68,4 \pm 17,1$ anos, a maioria de cor branca (80%), com distribuição semelhante entre os sexos (52,2% mulheres). Os diagnósticos médicos mais comuns foram pneumonia e infecção urinária, sendo que 03 sujeitos apresentaram escore igual ou inferior a oito na Escala de Coma de Glasgow. A maioria tinha peso alterado (76,9%), alimentava-se via oral (68,2%), ventilava em ar ambiente (65,2%) e possuía boa perfusão de mucosas (90,9%). Predominaram os pacientes incontinentes com eliminações vesicais e intestinais com uso de fraldas (ambas 60,9%). No autocuidado, 43,5% eram dependentes totais para cuidado com urina e 47,8% para fezes. A DAI prevaleceu no vinco entre as nádegas (64,5%) e na região perineal (51,6%). Os dados remetem questões importantes sobre o autocuidado, enfatizando a importância da higiene, e da hidratação da pele, com ênfase nos pacientes dependentes que estão vulneráveis ao autocuidado.

9.3 O que diz a literatura sobre proteção perineal no parto vaginal: em busca de argumentos para as boas práticas na atenção ao parto.

DOMINGUES, R.; HEJAZI, A. M.; GONÇALVES, P. F.; BORBA, C.; COELHO, M. M.; SHUSTER, R.

Buscou-se neste estudo conhecer o que diz a literatura sobre a proteção perineal no parto vaginal, em busca de argumentos para as boas práticas na atenção ao parto. Trata-se de uma revisão integrativa de pesquisa baseada em Cooper (1989). A amostra foi composta por dez artigos científicos pesquisados nas bases de dados BDENF, LILACS e na biblioteca eletrônica SciELO, no período de 2005 a 2015, no idioma português. Este estudo identificou as seguintes técnicas de proteção perineal utilizadas na assistência ao parto vaginal: posição lateral da parturiente no período expulsivo; puxos espontâneos; restrição do uso de episiotomia, de ocitocina e da posição horizontal; posição vertical como fator de proteção; suporte perineal durante o desprendimento cefálico; proteção/contenção do períneo; lubrificação do períneo; massagem perineal; abaixar o períneo; aproximar a fúrcula durante o coroamento do feto e evitar tracionar o feto durante o desprendimento cefálico. Os resultados encontrados responderam à questão norteadora dessa revisão integrativa. Entretanto, a partir deste estudo foi possível verificar a escassez de publicações científicas acerca das técnicas de proteção perineal, disponíveis em língua portuguesa nas bases de dados pesquisadas. A partir dos achados deste estudo, sugere-se uma proposta de intervenção para os partos assistidos por enfermeiras obstetras no Centro Obstétrico da Linha de Cuidado Mãe-bebê do Hospital Nossa Senhora da Conceição, com o objetivo de conhecer as técnicas de proteção perineal que são utilizadas e sua relação com a realização de episiotomia e/ou ocorrência de laceração perineal espontânea, assim como investigar se a proteção do períneo utilizada no parto vaginal está baseada em evidências científicas.

9.4 Análise do comportamento dos eletrólitos no início da terapia nutricional parenteral

MEIRA, A. P. C.

Introdução: A nutrição parenteral (NP) é indicada em pacientes desnutridos ou em risco nutricional, que não podem ser alimentados adequadamente. Na NP os eletrólitos são incluídos na solução, segundo as necessidades diárias. Pacientes que recebem NP tem risco aumentado de síndrome de realimentação (SR), a qual se caracteriza por alterações funcionais, hidroeletrolíticas até falência cardíaca. A fim de minimizar os riscos de SR durante a NP é necessário realizar a dosagem dos

eletrólitos antes do início da NP. O objetivo do estudo foi avaliar a efetividade do monitoramento dos eletrólitos nos pacientes que iniciaram com NP no Hospital Nossas Senhoras da Conceição (HNSC) de Porto Alegre-RS. Metodologia: Foi realizado um estudo descritivo através da análise da frequência de realização de ensaios bioquímicos de pacientes que ingressaram em TNP, no HNSC. O HNSC possui uma Equipe Multiprofissional de Terapia Nutricional (EMTN) que avalia, acompanha e prescreve as nutrições parenterais das unidades de internação adultas. Foram analisados todos pacientes que ingressaram em NP durante o período de 60 dias, de 01 dezembro de 2016 à 31 de janeiro de 2017. Resultados: Dos 22 pacientes avaliados 59 % eram do sexo feminino e 59% apresentaram desnutrição na avaliação nutricional, o tempo médio de uso da NP foi 17,6 dias. A coleta dos eletrólitos antes do início da NP foi realizada em 100% (22) dos pacientes, 50% (11) dos pacientes apresentou distúrbio eletrolítico, 13,6% (3) hipofosfatemia, 40,9% (9) hipocalemia e 18,1% (4) hipomagnesemia. A média em dias da correção dos distúrbios ocorreu em 4, 3,6 e 2,7 dias respectivamente. Conclusão: A SR caracteriza-se por alterações bioquímicas que podem culminar em alterações graves e até levar a morte. A EMTN é uma equipe que pode auxiliar na prevenção SR.

9.5 Adesão ao tratamento antidiabético em idosos portadores de diabetes mellitus tipo II (DM2) e não hipertensos vinculados a uma unidade de atenção primária à saúde em Porto Alegre, RS

EMMANOUILIDIS, J.; FAJARDO, A. P.

Introdução: A crescente expectativa de vida da população tem refletido em aumento significativo no número de idosos, tanto a nível nacional quanto mundial. Esse fenômeno está associado à prevalência de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), acarretando um importante problema de saúde pública. Objetivo: Analisar a adesão ao tratamento antidiabético em idosos diabéticos tipo II e não hipertensos vinculados à Unidade de Saúde Coinma, Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS). Justificativa: O tratamento medicamentoso do DM2 é complexo, podendo envolver diversos fármacos com múltiplas dosagens, incluindo aplicações diárias de insulina. Sendo assim, com o intuito de minimizar a morbimortalidade associada ao uso de

medicamentos, atividades de Atenção Farmacêutica desenvolvidas em conjunto com equipes multiprofissionais têm contribuído para a otimização da farmacoterapia e o uso racional de medicamentos. Metodologia: Este estudo tem cunho qualitativo e consta de duas etapas: a primeira, realizada junto a todos os participantes, sendo que cada um responderá, primeiramente, a dois questionários: Sociodemográfico e Clínico. Posteriormente, a pesquisadora principal preencherá informações acerca de medicamentos antidiabéticos utilizados, análise do seguimento da prescrição médica e da necessidade de conciliação medicamentosa. Finalizando a primeira etapa, cada participante responderá ao questionário intitulado Escala da adesão ao tratamento antidiabético. Aqueles participantes que forem considerados não aderentes ao tratamento antidiabético e que fizerem aplicação de insulina com controle diário de glicemia através do automonitoramento da glicemia capilar (AMGC) serão convidados a participar da segunda etapa do estudo, que consta de resposta individual às questões contidas em uma ficha de Orientação Farmacêutica, a qual deve ser aplicada em seis encontros sucessivos. Resultados: Até o presente momento foram entrevistados 14 participantes, sendo que um paciente foi considerado não aderente. Alguns pontos importantes na pesquisa até o momento foram: Recolhimento de medicamentos vencidos, ingestão de medicamento não condizente com a prescrição e relatos de efeitos adversos.

10. RELATO DE CASO

10.1 Relato de caso: síndrome de Anton na atenção primária

FRACASSO, L. B.

Mulher de 74 anos, diabética e hipertensa não controlada, procura atendimento na unidade de saúde GHC-Costa e Silva por quadro de cefaleia em lobo temporal direito e amaurose bilateral há 4 dias. Fazia uso irregular de isordil, hidroclorotiazida e metformina. Foi orientada a procurar a emergência do Banco de Olhos, onde recebeu indicação de avaliação por neurologista. Já na emergência do HNSC, uma TC de crânio mostrou área isquêmica subaguda occipital à direita, lesão occipital à esquerda prévia, hemisfério cerebelar esquerdo e núcleos da base. Consequia acompanhar movimentos de vultos, mas sem identificar objetos. Recebeu diagnóstico de Síndrome de Anton ou cegueira cortical, sendo liberada com prescrição de AAS, clopidogrel, atorvastatina, captopril, hidroclorotiazida, fluoxetina, metformina e glibenclamida. No acompanhamento posterior na unidade, permaneceu com déficit visual, porém em menor intensidade e oscilante, já conseguindo identificar alguns objetos. A Síndrome de Anton é um evento muito raro e qualquer tipo de lesão intracraniana pode ser a causa dessa cegueira cortical com preservação da fotorreação pupilar. Contudo, a etiologia vascular, principalmente infarto bilateral de artérias cerebrais posteriores, é mais frequente em adultos, variando de 42 a 89% dos casos. O paciente muitas vezes não tem consciência da cegueira ou pode até negá-la. Podem persistir pequenas ilhas de visão e ocorrer flutuação à medida que as imagens são capturadas nas partes preservadas. Todos os pacientes com hemianopsia homônima requerem neuroimagens, geralmente TC ou RM, para identificar a etiologia do quadro. Há grande variação na melhora espontânea do déficit visual. Um estudo relatou que 67% tem recuperação verificada por teste de confrontação um mês após o AVC, mas dificilmente há melhora se o quadro persistir após 6 meses. Um estudo com 31 pacientes que sofreram AVC de lobo occipital mostrou uma melhor recuperação em casos com lesão menor e com córtex estriado poupado.

10.2 Avaliação do paciente de glaucoma: da suspeita à confirmação diagnóstica - resultados preliminares

FANTON, F.L.; RODRIGUES, S.F.; LARDI, S.L.; GOLBERT, M.B.

Introdução: Glaucoma é uma neuropatia óptica na qual alterações estruturais na cabeça do nervo óptico (NO) e da camada de fibras nervosas retinianas (CFN) estão associadas a defeitos campo visual (CV) característicos. Em decorrência da evolução insidiosa e assintomática do glaucoma nos estágios iniciais, o seu diagnóstico é geralmente tardio. Atualmente glaucoma é a segunda principal causa de cegueira no mundo. Recentemente foi criado um ambulatório específico para avaliação dos pacientes com glaucoma suspeito no serviço de oftalmologia do Hospital Nossa Senhora da Conceição, com a finalidade de melhor avaliar e acompanhar estes pacientes. É objetivo deste estudo caracterizar esta população de pacientes, bem como estudar quais são os principais fatores de risco para a evolução da suspeita de glaucoma para o diagnóstico de glaucoma. Tais informações são de grande valia pois assim se pode realizar o diagnóstico e tratamento precoce, melhorando o prognóstico e a qualidade de vida destes pacientes. **Resultados:** Até o momento, o estudo conta com 44 indivíduos, sendo destes 30 mulheres e 15 homens, com média de idade de 57,5 anos. Quanto à raça, 29 são brancos, 10 negros, 4 pardos e 1 amarelo. Quanto ao motivo do encaminhamento ao setor de glaucoma suspeito, 31 indivíduos foram por aumento da escavação, 5 por assimetria de escavações e 9 por aumento da pressão intraocular (PIO). Os dados coletados foram: sexo, raça, PIO, paquimetria, escavação, CFN ao OCT, gonioscopia, acuidade visual, história familiar, campimetria visual, presença de diabetes melito ou hipertensão arterial sistêmica. Por ora, 2 tiveram diagnóstico de glaucoma firmado, 3 tiveram o diagnóstico descartado e receberam alta do ambulatório, os demais mantêm seguimento.

10.3 A importância do teste de sobrecarga hídrica no ambulatório de glaucoma

FANTON, F. L.; RODRIGUES, S. F.; LARDI, S. L.; SCHMALFUSS, T. R.; PICETTI, E.

Objetivo: Relatar caso de paciente com pressão intraocular (PIO) persistentemente dentro da pressão alvo, porém com nervo glaucomatoso e alteração campimétrica

compatível com o diagnóstico e salientando a importância da realização do teste de sobrecarga hídrica (TSH) na evolução do controle do glaucoma. Caso Clínico: E.C., mulher, parda, 55 anos, hipertensa, encaminhada por baixa acuidade visual em olho esquerdo progressiva, de longa data. Ao exame, apresentou acuidade visual com melhor correção de 1,0 em ambos os olhos, PIO de 12 em olho direito e 14 em olho esquerdo. À fundoscopia apresentava escavação aumentada em ambos os olhos. Retorna em reconsulta para apresentar exame campimétrico e paquimetria. Realizada nova medida de PIO, sendo de 12 mmHg em ambos os olhos. Paquimetria de 534 em olho direito e 541 em olho esquerdo. Campimetria computadorizada com defeito sugestivo de glaucoma em ambos os olhos. Realizado, em consulta subsequente, teste de sobrecarga hídrica com resultado positivo. Discussão: Estudos recentes apontam o pico pressórico como o pior vilão no controle da doença em pacientes com glaucoma, mais danoso ao nervo óptico do que a média diária. O TSH aparece como uma alternativa à curva de 24h de PIO. Neste teste, é medida a PIO basal e após 15 minutos, 30 minutos e 45 minutos da ingestão de 800 mL de água em 5 minutos. O teste é considerado positivo quando houver um aumento maior ou igual a 6mmHg em relação a PIO basal. Este teste é utilizado para simular a curva diária do paciente de uma forma mais factível e com boa sensibilidade.

10.4 Relato de caso de xantogranuloma orbitário

RODRIGUES, E. F.; FANTON, F. L.; LARDI, S. L.; GOLBERT, M. B.

Objetivo: Relatar caso de paciente com tumor palpebral e fazer revisão bibliográfica sobre xantogranuloma orbitário, doença frequentemente subdiagnosticada devido à sua raridade e semelhança com outras patologias. Relato de Caso: Paciente feminina, 17 anos, encaminhada para investigação de lesão tumoral em pálpebra superior direita com crescimento progressivo há 2 anos, causando ptose mecânica. Após exames complementares e biópsia foi concluído o diagnóstico de xantogranuloma orbitário. O tumor foi tratado inicialmente com excisão e posterior corticoterapia. Conclusão: A Doença Xantogranulomatosa Orbitária é um grupo heterogêneo de síndromes raras e pouco compreendidas. Classifica-se em quatro subgrupos: (1) Xantogranuloma de surgimento em adultos, (2) Xantogranuloma

necrobiótico, (3) Doença de Erdhein-Chester, (4) Asma e xantogranuloma orbitário de surgimento em adultos. Os exames complementares que auxiliam no estudo desses casos são (1) TC, que pode revelar envolvimento preseptal e orbitário anterior, podendo prolongar-se para os músculos extra-orbitários e gordura pós-septal; (2) RNM, que apresenta sinal hipo-intenso nas pálpebras que pode se estender até a gordura orbitária anterior; (3) Microscopia eletrônica, demonstrando vacúolos, mitocôndrias e fagossomas citoplasmáticos lipídicos; (4) Anatomopatológico com infiltração por células marcadoras, especialmente histiócitos lipídicos e células gigantes do tipo Touton. Os diagnósticos diferenciais incluem o xantogranuloma juvenil, histiocitose de Langerhans, doença de Rosai-Dorfman, histiocitoma inflamatório maligno fibroso, pseudotumor inflamatório, mieloma múltiplo e linfoma. As atuais opções de tratamento incluem (1) injeção de corticoide intra-lesional; (2) corticoterapia sistêmica; (3) imunomoduladores; (4) plasmaferese; (5) radioterapia local; (6) quimioterapia; (7) cirurgia, com alto risco de recorrência em 6-12 meses. Concluindo, o reconhecimento da apresentação clínica e histopatológica dessa doença facilitam o diagnóstico precoce e manejo terapêutico apropriado.